





J. de Araújo Ribeiro.

VISCONDE DO RIO GRANDE.

REVISTA CONTEMPORANEA

DO

PARTHENON LITTERARIO.

CONSAGRADA A'S LETTRAS, SCIENCIAS E ARTES.

COMMISSÃO DE REDACÇÃO:

APPELLES PORTO ALEGRE.

ARTHUR ROCHA.

AUGUSTO TOTTA.

ACHYLLES PORTO ALEGRE.

APPOLLYNARIO PORTO ALEGRE.

ALVES TORRES.

REDACTOR E GERENTE:

JOSÉ BERNARDINO DOS SANTOS.

PORTO ALEGRE. ANNO XII DO PARTHENON.

O Visconde do Rio Grande.

Ha mezes, muito antes de contar-se com o fallecimento proximo do illustre rio-grandense Dr. José de Araujo Ribeiro, Visconde do Rio Grande, estava eu no compromisso com a illustrada redacção da *Revista do Parthenon*, de escrever um artigo biographico para acompanhar o retrato do eminente politico e distincto sabio, com que a *Revista* ia honrar as suas columnas.

Acceitara eu o honroso encargo, embora não me sobre tempo para trabalhos alheios á lide diaria, porque venerava em José de Araujo Ribeiro um d'esses espiritos *d'élite*, que libertando-se das péas da acanhada educação theologica, que em geral se distribue no Brazil, elevára-se á uma outra e mais elevada intuição do mundo e da humanidade, acompanhando os progressos da moderna sciencia e ultrapassando os limites em que a vetusta philosophia metaphysica tenta prender a razão humana.

O que admirava em José de Araujo Ribeiro é que esse espirito privilegiado, depois de haver prestado á sua patria os serviços mais dedicados emquanto a idade viril lhe alimentava as forças, aposentando-se, aos 54 annos, não se entregou ao repouzo, que lhe facilitava aliaz a fortuna que desfructava.

Ha entre nós em geral uma pronunciada tendencia para o descanso, quando o trabalho não é mais de rigorosa necessidade.

José de Araujo Ribeiro nunca teve necessidade de recorrer ao trabalho para viver; bafejado pela fortuna desde o berço, podia ter vivido em santo ocio. Não o quiz: emquanto moço e cheio de vida e forças, dedicou-se ao ser-

viço publico, não por amor do lucro, mas para prestar o tributo do seu trabalho á patria, e, fêl-o, desempenhando durante longos annos importantes commissões diplomaticas e funcções administrativas nas mais melindrosas circumstancias.

Velho, ainda repellia o ocio:

Tendo vivido nos grandes centros da intelligencia europea, tomára-se de amor pelas sciencias e quando, em idade já adiantada, vio entrar em nova phaze a intuição philosophica do seculo, cambando para o oceano os antigos systemas da philosophia especulativa, eil-o que se atira á sciencia nova, que mal despontava com as primeiras revellações do genio de Darwin e Lyell, e d'ella se torna fervoroso e dedicado apostolo.

Eis ali o que me inspirou profunda veneração pelo Visconde do Rio Grande. E não será realmente exemplo dos mais raros e respeitaveis entre nós, o d'esse septuagenario que no silencio do gabinete se entrega ao estudo da theoria evolutiva e que com nobre isempção d'animo, não reserva para si os fructos de suas lucubrações, mas deposita-os n'uma obra, que atira á publicidade, affrontando as iras dos afferrados ás velhas idéas, a indifferença das massas, a critica ferina dos semi-ignorantes?

Oh sim, a publicação do — *Fim da Creação* — foi um acto de raro patriotismo, um testemunho raro de dedicação á sciencia, uma manifestação de nobre coragem.

Não está isempto de erros e de falsas apreciações o livro do illustre rio-grandense: a sciencia não subscreverá a todas as suas conclusões, mas em todo o caso foi um feito patriotico e um grande serviço prestado á verdade philosophica n'uma terra em que as estereis lutas de um vetusto doutrinariismo politico absorvem quasi todas as intelligencias.

Foi por isso que com prazer acceitei o encargo de traçar nas paginas da *Revista do Parthenon* um esboço biographico d'esse illustre filho da provincia.

Veio, porém, surprehender-me a sua morte, antes de haver dado começo á tarefa.

A imprensa diaria tem suas exigencias: redactor d'uma folha filiada á escola critica e alheia á politica dos partidos, não pude deixar de dedicar ao illustre finado as homenagens que lhe devia a imprensa de sua provincia.

Veio ao meu encontro um dedicado amigo e collaborador, que escondendo-se sob as iniciaes Z. A. tem illustrado as columnas da *Gazeta de Porto Alegre* com notaveis escriptos.

Apreciou elle n'um longo artigo o merito do finado Visconde do Rio Grande, e eu accrescentei dous outros artigos, encarando, com especialidade, a importante missãõ que o finado Dr. José de Araujo Ribeiro desempenhou n'esta provincia, no fatal decennio da revoluçãõ.

Antecipado assim o serviço, que tinha promettido á *Revista*, limito-me a estas poucas linhas, reproduzindo em seguida a ellas os editoraes da *Gazeta de Porto Alegre*.

C. v. Koseritz.

Si devem sempre reflectir-se na imprensa os juizos e as impressões da opinião publica criteriosamente formada, não lhe cumpre unicamente applaudir e victoriar os vivos.

Ainda em meio de sua jornada neste mundo podem estes, é certo, aproveitar as exhortações que lhes movem e avigorão os estimulos.

Aquelles, porém, que depois de uma longa vida baixão ao tumulo cercados do respeito e da admiração dos seus concidadãos, aquelles que deixão apoz si uma aureola luminosa, marcada pela pratica de todas as virtudes civicas e christãs, não são menos dignos das publicas homenagens, que têm por orgão as vozes do jornalismo.

Longe de nós, eternamente affastados da sociedade pela restituição á grande mãe — a natureza — de tudo o que esta lhe havia emprestado, elles continuão a actuar sobre os vivos, pelo benefico influxo do seu exemplo e pela perduração das obras que deixarão.

E' por isso que a *Gazeta de Porto Alegre*, interpretando os sentimentos de seus leitores, e inspirando-se em suas proprias convicções, junta-se a toda a provincia do Rio Grande do Sul para lastimar a perda de um dos seus mais distinctos filhos, e, espontaneamente, desempenha o dever sagrado de dirigir em suas columnas de honra uma ultima saudação ao illustre cidadão, que acaba de morrer, o visconde do Rio Grande, senador José de Araujo Ribeiro.

Falleceo, com effeito, na cidade do Rio de Janeiro, ás 11¹/₂ horas da noute de 25 de Julho, este notavelrio-grandense.

Nascido no districto da Barra, nas proximidades desta cidade de Porto Alegre, a 20 de Julho de 1800, José de Araujo Ribeiro seguiu jovem ainda para Portugal, cursou a universidade de Coimbra e ali obteve o diploma de doutor em sciencias juridicas e sociaes.

Na idade de 26 annos encetou a carreira diplomatica, na qual servio o paiz por espaço de 28 annos.

Nomeado secretario de nossa legação em Napoles, a 24 de Julho de 1826, foi depois transferido para a legação de França na mesma qualidade, a 18 de Janeiro de 1828.

Foi promovido a encarregado de negocios nos Estados Unidos em 20 de Dezembro de 1828 e a enviado extraordinario na Grã-Bretanha em 2 de Dezembro de 1833. Nesta qualidade foi escolhido para ir a Portugal em 28 de Agosto de 1834 afim de cumprimentar a rainha pela sua restituição ao throno.

A 1º de Dezembro de 1837 foi nomeado enviado extraordinario em França, donde seguiu em missão especial á Grã-Bretanha a 27 de Abril de 1843, e d'ahi regressou a 24 de Novembro de 1848 para reassumir o seu lugar na legação em Pariz.

Foi apozentado como ministro plenipotenciario em 19 de Janeiro de 1854.

Foi deputado á assembléa geral, como representante de sua provincia natal; foi tambem presidente da provincia de Minas Geraes de 4 de Julho a 4 de Novembro de 1833 e da provincia do Rio Grande do Sul de 15 de Janeiro de 1836 a 4 de Janeiro de 1837.

Augmentada a representação nacional em 1846, coube mais uma cadeira de senador a esta provincia, que, achando-se na Europa o conselheiro José de Araujo Ribeiro, collocou-o na lista triplice.

Foi escolhido por carta imperial de 11 de Agosto de 1848, prestou juramento e tomou assento no senado em 29 de Novembro de 1849.

Era commendador das ordens brazileiras de Christo e do Cruzeiro e grande official das francezas da Legião de Honra e de Henrique IV.

Nem os cargos que exerceo, porém, nem os titulos e as condecorações que tinha, dão uma idéa approximada do seu merecimento real.

Com uma educação severa e pozitiva, José de Araujo

Ribeiro não só conservou as honrosas tradições de seus paes e de sua familia, cujas virtudes são bem conhecidas nesta cidade, como ainda retemperou-as, dando-lhes, para si, uma nova baze nas sublimes verdades da sciencia moderna, que elle cultivava até em idade avançada com ardor juvenil.

O que elle foi em todas as phazes de sua vida e em todas as manifestações da sua actividade, já o disserão em parte a imprensa da côrte e as vozes do senado.

No desempenho dos altos cargos, que occupou, portou-se com uma moderação, inteireza e imparcialidade que o recommendarão á gratidão até de seus adversarios politicos.

Os cordões de sua bolsa, que não era das mais opulentas, abrião-se facilmente aos impulsos do patriotismo e da caridade. Para as urgencias do Estado, durante a guerra do Paraguay, contribuiu com quantia não muito inferior a cincoenta contos de réis.

Esta provincia, seus amigos e seus parentes, bem conhecem como José de Araujo distribuia entre os pobres as sobras de sua abastança.

Referindo-se a elle assim exprimio-se o senador Corrêa na camara vitalicia:

— „A dolorosa perda para o paiz, que V. Ex. acaba de anunciar em phrase tão sentida, Sr. presidente, foi recebida pelo senado com o mais pungente pezar. (Muitos apoiados.) São notaveis os serviços que o illustre Visconde do Rio Grande prestou ao Imperio, quando desempenhou cabalmente os arduos e melindrosos deveres de representante do Brazil nos Estados estrangeiros. Na região da sciencia deixa luminoso vestigio para as lettras patrias (apoiados geraes). No seu longo exercicio do cargo de senador distinguio-se pelo mais escrupulozo e circumspecto desempenho de suas obrigações (apoiados).

„A provincia do Rio Grande do Sul perde um dos seus mais distinctos filhos, que lhe prestou relevantes serviços em dias agitados (apoiados), e o Brazil um cidadão que dêo mais de uma vez salientes provas de seu acrizolado patriotismo.“ (Apoiados.)

Como presidente desta provincia, no anno de 1836, logo depois que rebentou a revolução manifestada a 25 de Setembro de 1835, José de Araujo proclamou aos seus comprovincianos, fallando-lhes a linguagem do irmão e amigo,

que não queria continuar nem tomar parte na luta fratricida por outros começada. — „Minha presença n'esta provincia e neste cargo, disse elle então, deve ter para vós como para mim só uma significação: — é que o governo imperial ouviu vossas queixas e destituiu a autoridade contra a qual vos insurgistes, substituindo-a por quem está disposto a fazer justiça a todos, sem distincção de côres politicas. Por isso, rio-grandenses, deponhamos todas as armas e esqueçamos o passado para só pensar e cuidar do futuro e na grandeza deste torrão abençoado, onde tivemos a felicidade de nascer.“

Bem sinceras erão as suas palavras! pois quando, a despeito de seus esforços, vio desattendidos os seus votos de paz e desvanecidas as esperanças de fazer terminar uma luta tão ingloria quão funesta, retirou-se immediatamente á carreira diplomatica, que anteriormente havia iniciado.

Como se houve elle aqui, nò pouco tempo que se demorou, sabem os homens daquella epocha. Temos ouvido referir actos seus que bem podião constituir uma legenda.

No anno de 1854, dando por finda sua carreira diplomatica, o conselheiro José de Araujo Ribeiro fixou sua residencia na capital do Imperio e desde então repartio o seu tempo entre o exercicio conscienciozo de suas funcções de senador e o estudo das sciencias physicas e naturaes.

Sem tomar parte nas lutas dos partidos politicos do paiz, nem nas discussões politico-pessoaes da camara vitalicia, de que era um membro *mudo*, quem não conhecesse pessoalmente o illustrado Visconde do Rio Grande, pensaria talvez que para elle já chegara a época da senilidade, ou que S. Ex. era uma de tantas intelligencias e illustrações mediocres, que têm entrado naquelle recinto.

Quão diversa, no entanto, era a cauza do seu silencio!

Não tinha José de Araujo as idéas e as opiniões correntes em seu paiz, e ainda menos as do seu tempo e da sua geração, da qual alias era elle um dos ultimos representantes. Para elle não erão herezias algumas verdades ultra-fecundas que o apostolado scientifico tem pregado nos ultimos tempos, abalando e lançando por terra as velhas crenças e tradições e creando uma sciencia inteiramente nova. O nobre Visconde não tremia diante dos nomes e dos livros de Lamarck, Lyell, Darwin e tantos outros luzeiros deste seculo, cujas obras lhe erão familiares.

Arredado por indole do estudo da politica-metaphysica que lhe foi contemporanea, tinha comtudo o Visconde do Rio Grande as melhores noções sobre a missão da autoridade e das leis no meio de uma sociedade constituida. Convencido de que a natureza inteira é um grande *todo*, sempre dominado pelas mesmas leis, quaesquer que sejam as differenças graduaes na fórma que apresenta ou na intensidade das forças que contém, a comprehensão da syntheze morphologica habilitava-o a encarar bem diversamente de seus companheiros do senado aquillo que diante d'elle se passava.

Eis porque o Visconde do Rio Grande não discursava: correria o risco de não ser entendido!

Não, certamente; o digno Visconde não era um velho decrépito, nem um pobre de espirito. Para comprovar a pujança de uma intelligencia septuagenaria, ali está o seu livro. „O fim da criação ou a natureza interpretada pelo „senso commum“, apparecido ha apenas quatro annos, em 1875, o qual, disse um illustre critico, que não pecca por benevolencia, „é um dos escriptos mais notaveis publicados „neste paiz, em que o seu autor revela uma grande tenção „de espirito e um elevado senso critico, declarando-se „franco sectario do darwinismo, delucidando com vantagem „muitos pontos obscuros da geologia brazileira e demon- „strando sufficientemente o fim principal que se propoz — „o constante accrescimo do nosso planeta, — tudo isto com „trabalho systematico, clareza na exposição e estylo simples „e chão“, como foi toda a vida deste illustre varão, — pedimos venia — para accrescentar.

Ali está tambem o seu testamento, que não precedêo muito tempo a sua morte, para nol-o mostrar ainda nobre e generoso, sempre sacrificando nos altares da amizade e da caridade, e dirigindo-se aos seus amigos, aos seus famulos, até ao seu velho criado e amigo Robert Slograve, que o servio na Europa, em uma linguagem bastante digna e sentida, a transluzir mais uma vez a limpidez de seu espirito e de toda a sua magnanimidade.

Para quem escreve estas linhas ha ainda na vida do Visconde do Rio Grande, uma face a encarar.

Existe neste paiz como em muitos outros uma singular maneira de responder aos adéptos das novas theorias

e de atiral-os á irrizão e ao desprezo publico por meio de declamação retumbante de palavrões e até do insulto.

E' mais ou menos a reproducção d'aquella apostrophe que Taine colloca na bocca de um ecletico ferrenho, que ao sahir da Sorbonna encontra na rua um discipulo de Laromiguière, e lhe diz logo ás primeiras phrazes: — „Sois ainda materialista, immoral e atheo? ainda adoptaes a philosophia que aniquilla a dignidade humana e nega a razão a faculdade de reconhecer o absoluto? Vossa escola destróe as provas da existencia de Deos, que é o absoluto. Logo destróe os principios da sciencia, que são verdades absolutas. Por conseguinte destróe os principios da moral que são verdades absolutas. Logo o materialismo é atheo, sceptico, immoral; é uma ruina universal!“

Pensa-se ingenuamente no Brazil que as novas idéas destróem por sua baze todas as instituições sociaes, collocando em perigo Deos, a liberdade, a patria, a propriedade e até mesmo a familia, destruindo os fundamentos de direito e os principios de moral universal.

A estes responde com sua vida inteira o Visconde do Rio Grande, que não tinha enthuziasmo algum pelas sciencias do absoluto, nem se arreceava das torturas de além tumulo; nada encontrando, porém, em suas convicções que o impedisse de ser como foi um brasileiro distincto, um patriota sincero, um cidadão digno de respeito e veneração pela pratica constante de todas as virtudes publicas e privadas.

Sua consciencia pura e elevada dava-lhe a tranquillidade dos justos; por isso não temia pelo seu descanso, nem tratou de ajustar suas contas com os *juizes do outro mundo*.

Não quer isto dizer que elle não cria. Ao contrario, as ultimas palavras de seu testamento, com que vamos tambem finalizar, são um verdadeiro hymno á divindade:

„Tenho durante a vida rendido muitas vezes graças a Deos por me haver outorgado uma existencia menos miseravel do que a que tem a maior parte dos meus semelhantes. Nesta occasião repito estas graças com a maior convicção de que as devo render.“

I.

Prestando uma ultima homenagem ao illustre finado Visconde do Rio Grande, estampamos, ha dias, um eloquente artigo do nosso illustrado collaborador Z. A.

Dizendo aquelle escripto tudo quanto podiamos dizer, amplial-o-hemos apenas na parte relativa aos serviços, que o finado Araujo Ribeiro prestou no tempo da revolução.

Depois da expulsão do Dr. Braga, que os revolucionarios fizeram substituir pelo 4º vice-presidente, o Dr. Marciano Pereira Ribeiro e estando a capital, Rio Grande e Pelotas, em poder dos rebeldes, foi o finado Dr. José de Araujo Ribeiro nomeado presidente desta provincia, e a ella chegou, convencido de que, deputado da provincia e filho de uma respeitavel familia rio-grandense, poderia annullar os effeitos da revolução de 20 de Setembro.

Dirigio-se, pois, á capital, para tomar posse, depois de largamente conferenciar com Bento Gonçalves.

A assembléa provincial, convocada por Marciano, que o governo não havia reconhecido, funcionava, e José de Araujo Ribeiro, com a prudencia que o caracterizava, ainda assim á ella se dirigio para que lhe deferisse juramento e posse.

A assembléa assim quiz fazel-o; mas a fracção separatista reunira-se e deliberára que a posse seria negada e os outros deputados (com excepção de Bento Manoel Ribeiro e o Dr. Joaquim Vieira da Cunha, que abandonarão as suas cadeiras) concordarão.

Bento Manoel, de accordo com Araujo Ribeiro, seguiu para a fronteira para reunir gente e o presidente retirou-se para o Rio Grande, Norte e Pelotas, já livres de forças revolucionarias.

Em 30 de Dezembro, em ordem do dia, datada de S. Gabriel, Bento Manoel reconheceu o Dr. Araujo Ribeiro e preparou forças para marchar sobre Porto Alegre, afim de combater a revolução.

O brigadeiro Gaspar Memia Barreto, reunindo forças entre os colonos de S. Leopoldo, e Silva Tavares e Albano, reunindo-as na fronteira, auxiliavão o apoio que Bento Manoel prestava a Araujo Ribeiro.

Então, desanimando o Dr. Marciano, participou em 22 de Janeiro (1835) a Araujo Ribeiro, que lhe entregava o

governo e a assembléa marcou-lhe prazo fatal (até 15 de Fevereiro) para estar em Porto Alegre.

Se o finado Visconde do Rio Grande houvesse atendido á essa intimação, a revolução da provincia teria ficado nos successos de 1834.

Mas Araujo Ribeiro era monarchista e considerava faccioza a assembléa desde que lhe negára posse; por isso desprezou a intimação e a assembléa dêo, em 16 de Fevereiro, posse da presidencia a Americo Cabral de Mello, que, resignando ao poder poucos dias depois, tornou a entregal-o ao Dr. Marciano.

A negativa de Araujo Ribeiro fôra deciziva; a assembléa, transformando-se em convenção, representou ao governo contra Araujo Ribeiro, demittio Bento Manoel do commando das armas e nomeou para o seu lugar o coronel João Manoel de Lima e Silva (o commandante do 8º de infantaria, já muito suspeito de adhesão aos rebeldes).

Bento Gonçalves foi encarregado de debellar os anarchistas (legaes) e a revolução começou a tomar character sério, sendo este preludiado pela morte do coronel Freire e seu filho.

Emquanto assim se desencandeava o tufão revolucionario, governava Araujo Ribeiro de bordo da barca de guerra *Sete de Setembro*, fundeada no Rio Grande, expedindo proclamações e mantendo, por intermedio de sua familia, constantes relações em Porto Alegre, o que fez com que muito tivessem de soffrer alguns membros della.

O animo de que dava prova o prezidente, nem por isso impedia os progressos da revolução:

Bento Gonçalves destroçara os legaes em S. Leopoldo; Lima e Silva marchava sobre Pelotas, derrotando e aprizionando o major Manoel Marques e o coronel Albano (que depois foi morto pela escolta que o conduzia para Porto Alegre); Onofre atacava o Norte, victoriosamente defendido; e Affonso Côrte Real sorprehendia a Bento Manoel em Capané, obrigando-o a fugir precipitadamente.

Esses successos, que se davão de Janeiro a Maio (1835) ainda assim não convencerão o governo de que devia prestar auxilio ao prezidente Araujo Ribeiro; apenas a 8 de Março lhe mandara, em trez navios de guerra, 316 praças de caçadores e 64 de artilharia, commandadas pelo briga-

deiro Eliziario de Miranda e Brito, que com ellas guarneceo o Rio Grande, Norte e Pelotas.

Ao passo que o governo assim abandonava o presidente, não descançavão os amigos d'elle em Porto Alegre, onde agitavão activamente a reacção, abrindo subscripções secretas e mantendo constantes communicações com Araujo Ribeiro e Bento Manoel.

E foi nesse momento que o governo exonerou o Dr. José de Araujo Ribeiro do governo da provincia, nomeando, em 25 de Maio, presidente o brigadeiro Antonio Elyziario de Brito, commandante geral da guarda nacional da provincia o coronel João da Silva Tavares, commandante das forças de mar o capitão-tenente Greenfel e Bento Manoel commandante das armas.

Pois bem; no momento em que na côrte o demittião, começava Araujo Ribeiro a colher os fructos de seu paciente e corajozo trabalho, porque, achando-se a capital apenas guarneçada pelo 8º d'infanteria e guardas nacionaes revolucionarios, por haverem sido destacadas as outras forças para o Norte e para o Rio Grande, realizou-se, na noute de 14 para 15 de Junho, a restauração de Porto Alegre, cujo principal instigador fôra o Dr. Araujo Ribeiro.

Marciano e os chefes rebeldes forão prezos e o marechal João de Deos e o major Manoel Marques tirados da preziganga para assumirem o commando.

Araujo Ribeiro recebeu a noticia da reacção de Porto Alegre pelo patrão André *tôrto* (portuguez), que n'uma canôa seguira da capital para o Norte, e immediatamente mandou sustentar os legaes de Porto Alegre por uma esquadrilla de cinco navios.

Ao mesmo tempo repellia S. José do Norte o ataque de Onofre, e Rio Grande (na noute de 23 de Junho) o de Bento Gonçalves.

Estava, pois, em pleno successo a cauza legal, quando chegou a nova da demissão de Araujo Ribeiro, que produzio profundo desgosto nas fileiras legaes, que não confiavão em Elyziario, ao passo que idolatravão o Dr. Araujo Ribeiro, cujo tino e lealdade sabião apreciar.

Era então convicção geral que os *dous Ribeiros* (Araujo Ribeiro e Bento Manoel) pacificarião a provincia.

Os legaes representarão immediatamente contra o acto

do governo e sua petição foi levada á côrte pelo Dr. Joaquim Vieira da Cunha, sem ser attendida.

Elyziario tinha, entretanto, pressa de recolher a herança de Araujo Ribeiro e não obstante a camara do Rio Grande pedir-lhe, em officio de 3 de Julho, que adiasse a sua posse até voltar o Dr. Vieira da Cunha, insistio e no dia 4 a camara lhe deferio o juramento.

A mesma camara, porém, precedida de muitos cidadãos, dirigio-se á caza do Dr. Araujo Ribeiro, solicitando-lhe que se conservasse na provincia até vir aquella decizão.

O Dr. Araujo Ribeiro foi reintegrado em 11 de Julho e Elyziario removido para Santa Catharina.

Entretanto voltara Bento Gonçalves a sitiar a capital e á 30 de Junho realizou-se o primeiro assalto ás trincheiras, sendo repellidos os revoltosos.

Começarão os bombardeios da banda da Varzea e do porto (onde estava o hiate *Onofre*).

Mas Bento Manoel approximou-se e novo ataque foi levado ás fortificações da capital, sendo mais forte o combate no ponto da rua d'Olaria e nos Moinhos de Vento, onde atacavão os allemães rebeldes de S. Leopoldo, que terião conseguido a entrada na cidade, se em tempo os não recebesse com uma descarga de metralha o major Manoel Marques de Souza.

A 18 de Julho chegava o chefe Parker á Porto Alegre, apossando-se do hiate *Onofre* e deixando navios de guerra fundeados em Itapuã.

II.

A esse tempo approximava-se Bento Manoel da cidade com suas forças divididas em trez columnas, das quaes a 1ª ao seu mando ia sahir na *picada*, em frente de Porto Alegre; a 2ª commandada por Gabriel Gomes, sobre S. Leopoldo, e a 3ª, commandada por Medeiros, sobre as Pedras Brancas.

A' 25 de Julho effectuava Bento Manoel sua entrada em Porto Alegre e em 1º de Agosto passava a esquadrilha de sete canhoneiras, commandada por Greenfell, o Itapuã pelo canaleta da ilha do Junco, conduzindo o presidente, que ás duas horas desembarcou em Porto Alegre, sendo recebido com grande jubilo pela população.

Em 20 de Agosto sahio de Porto Alegre a expedição encarregada do ataque aos fortes de Itapuã; compunha-se de 300 praças commandadas pelo coronel Francisco X. da Cunha, com auxilio da esquadilha, commandada por Parker.

A 23. tendo o coronel desembarcado no Sacco do Farias, foi tomado o forte da ponta do Junco, com 4 peças de artilharia e a 24 abandonarão os rebeldes o outro forte, encravando as 5 peças que o guarnecião.

Ao mesmo tempo reunia o coronel Dr. João Daniel Hillebrand os colonos (legaes) de S. Leopoldo; Loureiro reunia em Missões, Calderon se mantinha no Sul. Antonio M. Azambuja reunia em Santo Amaro, Juca Ourives em Santo Antonio, o general Carneiro em Taquary, e Medeiros batia o Menino Diabo, que se apoderara do Rio Pardo.

Bento Gonçalves retirava-se para o Viamão; Crescencio marchava a reunir-se a elle. e João Antonio da Silveira mandava no Alegrete, — isto é pelo lado dos revoltosos.

No Norte era tudo favoravel aos legaes: no Sul, porém, — a 10 de Setembro, — fôra o coronel Silva Tavares derrotado por Netto, perdendo 12 officiaes, 145 soldados mortos e feridos e 112 prizioneiros.

Aranjo Ribeiro preparava tudo para cortar a Bento Gonçalves, quasi encurralado em Viamão, os recursos da campanha e depois de mallogrado o accordo, que ainda por iniciativa sua fôra tentado na conferencia que os *dois Bentos* tiverão na Varzea, vio-se Bento Gonçalves obrigado a abandonar o seu ponto estrategico de Viamão e levantando o seu acampamento, iniciou um movimento de flanco para internar-se na campanha.

Com 1100 homens, que commandava, conseguiu Bento Gonçalves passar o Gravatahy, no passo da Cachoeira, e depois o Rio dos Sinos e o Cahy.

Mas Bento Manoel, embarcando-se em 18 de Setembro (1836) em Porto Alegre, subio o Jacuhy e desembarcou 1600 homens perto do Triumpho, para cortar a retirada aos revoltosos e impedir a sua junção com as forças de Crescencio, postando navios de guerra ao rio.

Bento Gonçalves, vendo tomada a frente, marchou para o Rincão do Fanfa, para passar o Jacuhy, na ilha do Leão, para cujo fim postou 4 peças em terra firme e 3 na ilha.

Em 2 de Outubro romperão essas duas baterias o canhoneio sobre as forças de terra e os navios legaes, que durou o dia.

Durante o dia 3 passou o coronel F. Cunha 400 homens para a ilha do Fanfa, onde estava a metade das forças rebeldes e no dia 4 engajou-se a acção decisiva, atacando Bento Manoel os rebeldes em terra firme e o coronel Carlos Ribeiro da Costa (que substituiu o coronel Cunha, por divergencia havida com o general) as forças da ilha pela retaguarda.

O coronel Gabriel Gomes Lisbôa tomou a bateria de terra e destrôçou os rebeldes, que se internarão no matto, morrendo afogados muitos outros ao tentarem passar para a ilha.

Então, senhor da posição em terra firme, começou Bento Manoel a varrer a ilha á metralha, despejada por trez peças e um obuz, ao passo que o coronel Cunha, que reassumira o commando, os atacava pela retaguarda.

Cunha foi heroicamente rechassado, mas os revoltosos estavam cercados e o cavalheiro Bento Gonçalves não teve remedio senão capitular, assistindo Crescencio, do outro lado do Jacuby e sempre contido pela esquadrilha de Greenfell, em completa inacção, á esse triste successo.

A convenção da ilha do Fanfa estipulava que Crescencio, Netto, João Antonio e os outros chefes rebeldes devião depôr as armas dentro de quinze dias.

Mas Crescencio não obedeceo e levantou acampamento na noute de 5, retirando-se sobre Rio Pardo; então forão prezos Bento Gonçalves, Onofre, Zambeccari, Rossetti e outros chefes rebeldes.

Bento Manoel conquistara quinze peças, muito armamento e toda a bagagem dos revoltosos, que ao todo tiverão 250 praças fóra de combate.

Se houve tão diminuta effusão de sangue, foi isso devido ao desejo dos *dous Ribeiros*, de poupar sangue de iriões rio-grandenses.

Vencera a legalidade e a revolução estaria terminada, se o governo imperial houvesse deixado a Araujo Ribeiro, que era apreciado pelos proprios revoltosos, a tarefa de pacificar a provincia.

Parece, porém, que na côrte havia empenho em prolongar-se a luta fratricida, porque Bento Manoel foi desti-

tuido do commando e Araujo Ribeiro, a quem se devia a quasi completa restauração da legalidade na provincia, foi demittido e — remettido prezo para o Rio de Janeiro.

.....

Não iremos mais longe.

Em 4 de Janeiro de 1837 deixava o Dr. Araujo Ribeiro as plagas de sua provincia natal, com o coração confrangido pela certeza que a inépcia do governo, senão um funesto calculo politico, ia prolongar essa fratricida luta que effectivamente durou ainda oito annos, devastando a nossa rica campanha, semeando odios, ateando discordias, ensanguentando a patria e o proprio lar da familia.

E' que estava resolvido o enfraquecimento d'este heroico torrão; é que os rio-grandenses, tão sacrificados na guerra cisplatina, erão ainda ricos, fortes, enthuziastas de mais, para que pódessem gozar dos beneficios da paz.

José de Araujo Ribeiro levava consigo a consciencia de haver feito mais do que nenhum outro rio-grandense da epocha, pelo restabelecimento da paz.

A cegueira dos homens e o fatal calculo do governo, inutilizarão os seus esforços.

Voltando á côrte em breve se desfizerão as intrigas que havião conduzido ao seu ultimo descalabro. O governo, comprehendendo que ninguem servira mais fielmente á cauza da patria, do que o Dr. José de Araujo Ribeiro, desde logo lhe dêo uma nova missão na Europa, onde se conservou até que a quéda da dymnastia d'Orleães, á qual o ligavão relações intimas contrahidas durante o seu exercicio em Pariz, lhe fez desejar a volta á patria.

A provincia do Rio Grande, reconhecendo os grandes serviços que o Dr. Araujo Ribeiro prestara á bem de sua pacificação, o distinguiu com um assento no Senado, quando ainda estava na Europa, e sem que jámais houvesse solicitado tal honra.

Foi um nobre acto de justiça.

Hoje, que do Visconde do Rio Grande só resta a memoria dos seus feitos, de suas virtudes, de seus serviços, vem a imprensa de sua provincia natal cumprir um sagrado dever, prestando-lhe esta ultima homenagem.

Caracter physico do homem.

Ainda que a constituição physica do homem o não izempte das leis geraes do crescimento e dissolução, a que estão sujeitos todos os outros animaes, é todavia d'uma especie peculiar e distincta.

A organização que lhe dêo o Creador é muito mais complexa e perfeita do que a dos outros: a sua presença nobre e a disposição de que é dotado para obedecer aos impulsos de uma alma intelligente, a penetração da qual ainda se não conhecem limites, são qualidades que o distinguem essencialmente dos irracionaes, sobre que exercita dominio absoluto.

O poder mental do homem é tão nobre, que mui apropriadamente doutos escriptores sacros o equipararão aos anjos. Entretanto tem havido philosophos, ou gente que imprpropriamente assim se denomina, tão céga adversaria da razão que, fundada no livre arbitrio do homem, sem o qual lhe não ganharia muito, nem mereceria castigo, o confundem com as classes mais infimas da criação animal. outra conhecemos, que, attendendo apenas aos impulsos das inclinações naturaes, se faz inferior aos mesmos brutos, achando que só d'elles a distingue a rizibilidade e a articulação das palavras: deixemol-os, porém, com os seus desvarios e chimeras.

A nossa organização parece-nos em certo modo defeituosa: — a extrema debilidade da constituição humana no primeiro periodo da existencia; a lentidão com que se desenvolve; a multidão das necessidades que a cercão; e a variedade dos males e perigos a que está exposta, não tem paralelo com igual estado dos brutos. Com tudo por mais

imperfeito que seja o homem olhado por este lado, quem desconhecerá que lhe rezultão grandes bens das desvantagens phyzicas e inseparaveis da sua condição.

Se o homem possuísse a força de um elephante, não se terião inventado as machinas; se a natureza o tivesse coberto com a pelle insensivel aos raios do sol e a intemperie das estações, não haveria no mundo uma só manufactura: — em ambos os cazos jazeria na mais brutal indolencia, ignorando e desprezando todas as artes, que fazem os commodos da vida e o adorno da natureza. Portanto, o conhecimento da debilidade corpórea e das necessidades que a cercão, dispertou-lhe faculdades que, d'outro modo, terião permanecido inertes. Unio-o a creatura da sua especie por vinculos de amor e amizade; — obrigando-o a idêar varias fórmulas uteis á sociedade; e em virtude desta união e do mutuo esforço intellectual dêo-lhe não só os meios de exercitar dominio sobre todos os outros viventes, mas até os de dar direcção em seu commum provento ás forças da natureza.

Dispersão do homem sobre' a terra.

Descobrimentos feitos por modernos navegantes mostrão evidentemente que a raça humana está espalhada por toda a terra habitavel.

Têm-se encontrado tribus de homens nas regiões mais cálidas, assim como nas mais frias latitudes do pólo, sobre ilhas cercadas de immensos oceanos, e, ao que parece, incommunicaveis com o resto do mundo. O norte das ilhas do Spitzberg e Nova Zembla e o sul das ilhas de Sandwich, são os unicos pontos de alguma extenção, onde se não tem encontrado o homem.

Portanto a especie humana acha-se espalhada desde o solo exteril do Cabo de Horn, 56 grãos de latitude sul, até 75 grãos norte, e mesmo os adustos areaes e os palustres do interior da Africa, segundo affirmão intrepidos exploradores, contêm tribus de homens, que vivem sob um grande calor que faz ferver o alcool, como outros vivem em regiões, onde se congela o azougue.

Unidade da especie humana.

Apezar da dissimilhança, que se observa na estatura e compleição dos animaes dos diversos paizes, não ha razão alguma para duvidar de que a raça humana fórma um só genero e uma só especie; isto é, que todas as classes de homens procedem d'um só individuo. Esta verdade a religião nos ensina e a razão nol-a demostra. Para muita gente bastaria o testemunho da revelação; para outros, porém, não basta a revelação, é mister outros meios de prova, e para o que podem servir os seguintes argumentos. Antes, porém, de formarmos alguns raciocinios, bom será explicar que couza é genero e especie, já que destes termos nos vamos servir.

Uma raça de animaes — uma classe de plantas, que se distingue em estrutura, por algumas particularidades, e se propaga de geração em geração, sem modificação alguma, fórma uma *especie*; devendo nós concluir, em sua philosophia, que estes individuos procedem de um só par, sendo animaes, e da mesma semente, sendo plantas. A palavra *genero* tem significação mais lata. Ha especies, que semelhão tanto umas ás outras, que é necessario estabelecer-lhes *classificações*. O cavallo, o burro, a zebra &c., são um exemplo d'especies diferentes: — o touro e o bufalo &c. formão outra.

Como não possa achar-se a cauza physica da differença que se nota entre a estrutura do cavallo, do burro e da zebra, bem como a entre o touro e o bufalo, acertado é concluir, que por mais que elles se assemelhem, não deixão por isso de descender de diferentes individuos. Finalmente o *genero* é a *collecção* de varias *especies*, que se parecem umas com as outras.

E' com tudo difficultozo distinguir ás vezes as especies, e reduzir á uma só alguns individuos, pela grande variedade que nelles se encontra.

Os naturalistas, porém, entendem que estas diversidades procedem de causas externas, que concorrerão no par, e que este propagou á seus descendentes sem mudar a especie.

O primeiro criterio, que nos leva a suppôr que todas as castas humanas pertencem á mesma especie, são as leis geraes da economia animal. Si se encontrarem duas castas

de animaes, cuja duração de vida seja a mesma, que em suas funcções naturaes observem identicas leis, que vivão sujeitas ás mesmas enfermidades e que sejião susceptiveis dos mesmos contagios, ha, nesse cazo, uma razão quasi certa para reputal-as de igual especie. Ora, acontecendo isto ás castas humanas, segue-se, que ellas formão uma mesma especie.

Outro modo, e talvez o mais seguro de rezolver a questão, será examinar se as diversidades, que se notão na especie humana, são strictamente analogas em fórma, côr &c. ás que observamos n'outra especie de animaes.

E' assim que entre os cães, carneiros e outras especies, se acha maior differença do que entre os homens; sendo razoavel concluir que estes formão especie distincta, isto é, que descendem dos mesmos paes.

Examinemos agora se as particularidades, que distinguem as diversas castas de homens, são de natureza tal que possão constituil-as especies differentes. Alguns escriptores pretenderão que a duração da vida varia entre os europêos e demais nações do globo; supposição gratuita, falsa em sua applicação, e que se destróe comparando as nações civilizadas entre si, e uma nação civilizada com outra selvagem. Esta deve necessariamente viver menos, attendendo ao desenfreamto de seus costumes e a possibilidade de que os individuos que a compõem contraião enfermidades e deformações, que não sabem curar. A não serem estas desvantagens as nações barbaras terião duração igual á de outra qualquer raça. Os americanos tanto do norte e sul como dos tropicos, gozão mais larga vida do que os europêos. Os peruvianos, segundo Garcilazo, o historiador Inca, vivião 70, 90 e até 100 annos, assim nos valles temperados, como nos dezertos incultos, encontrando-se nelles vulgarmente cazos de extraordinaria longevidade. Humboldt falla de um indio do Perú, que viveo com boa saúde 143 annos, e de uma indiana, que falleceo em 1780, na idade de 175 annos. Os mexicanos gozavão extensa vida, segundo se lê na historia daquelle paiz escripta por Ixtlilxochitl, pouco depois de sua conquista.

Pelas leis mexicanas nenhum chichineca podia reinar mais de 25 annos, nem princeza alguma cazar-se antes dos 40. Contão-se alli principes, que tiverão descendencia aos

101 annos; e existirão o chichineca Icnanhtzin e o seu successor Moretloquixtzin que viverão, o primeiro 180 annos, e o segundo 150. Os lapões tambem durão largamente; e os pretos, a esse respeito, não fazem differença dos brancos. Portanto a duração da vida prova ainda a unidade da especie humana.

O mesmo é applicavel ás doenças; pois se tem observado que os contagios infestão irramente as differentes tribus, ainda que os habitantes de um clima soffrão ás vezes mais do que os de outro. Enfermidade haverá que seja indigena, mas essa transplantada á outro paiz ataccará indistinctamente qualquer homem. Os europêos, que levarão á America as bexigas destruidoras, trouxerão em caminho molestias não menos perniciosas; tornando-se as duas enfermidades igualmente fataes á europêos, americanos, negros e asiaticos.

A differença, que se nota na constituição, pôde ser effeito de uma diéta continuada por muitos seculos. A constituição do americano é mais baixa, e a do europêo mais irritavel.

O alimento diario daquelles era, em geral, o de duas onças de milho grosso tostado ao sol, ao passo que o europêo vivia na abundancia. Além disso a constituição phyzica é a mesma entre os habitantes de ambos os mundos; e se alguns desvios podem notar-se nas leis da economia animal, não é isso peculiar á uma casta, posto que se encontrem entre nações do mesmo continente.

Outro methodo de investigação é examinar se a côr, figura e estructura das differentes castas humanas têm analogia com a que se encontra nas especies de animaes inferiores.

Descrevamos pois, as variedades mais caracteristicas, que se notão nos homens.

Variedade de côr.

A primeira variedade, que dá logo aos olhos é a côr. Bem sabido é que existem muitas correspondencias entre a côr da cutis, do cabello e olhos dos individuos. Sem tratarmos de excepções, pois todas as regras as têm, pôde-se dizer que olhos azues são sempre acompanhados de côr alva e cabellos louros; mas como a relação entre a

côr da pelle e a do cabello é mais universal, por isso a mencionaremos de preferencia.

A côr do cabello é o signal, que particularmente distingue os habitantes das varias regiões. São de trez especies: preta, loura e albina. A primeira comprehende todos os individuos e castas, que tem o cabello preto e abrange a maior parte da especie humana, desde o Japão e China até Portugal. Na Africa e America o cabello preto, castanho e escuro é o que mais se vê, exceptuando algumas terras muito ao norte da Europa e Asia, onde ha algumas tribus com cabellos amarellos. O cabello preto differe em quantidade, qualidade e grossura desde as madeixas dos japonezes e chins, que lhes chegão quasi aos pés, até a basta carapinha dos negros africanos.

A côr da cutis tambem varia, por identica razão, desde o preto azevichado dos ethyopes até a alva tez dos allemães. A diversidade de côres é tal que se não pôde enumerar: — n'um paiz reina a côr de cobre mais ou meaos escura, como nas castas americanas, principalmente ao norte; — n'outros é amarellenta, como a dos japonezes.

A maior parte dos habitantes da Asia tem a côr azeitonada; e a citrina vai mudando desde a Persia até o estreito de Gibraltar: a tez dos hespanhoes é mais escura do que a dos allemães, e os portuguezes são mui semelhantes aos seus vizinhos. Entre as nações da Europa a differença não provêm das castas, mas sim da latitude. A raça dos albinos, por exemplo, acha-se communmente entre os indios americanos do Darien e nas ilhas austraes. Tambem ha albinos entre as nações européas, e existem familias albinas desde remotas gerações nas provincias de Santa Fé e Paraná.

Os habitantes do Iudostão olhão os albinos com tanto horror como se fossem monstros infernaes.

A circumstancia mais extraordinaria na variedade de compleições é a dos pretos-brancos, entre as raças africanas. Os monarchas daquellas regiões adustas uzavão ter em seus palacios, como objecto de curiozidade, esses caprichos ou joguetes da natureza. O cabello dos mesmos é como a pelle do cordeiro branco, e pôdem ser reputados albinos daquelle paiz.

A côr loura deve considerar-se como intermédia das outras duas, e domina nas regiões frias da Europa e Asia.

Os indios, posto que tenham cabellos geralmente pretos, vêm-se contudo bastantes com cabellos e barba d'outras côres. Tambem na Arabia ha gente ruiva, e muito mais no imperio da Russia. Finalmente em todas as nações da Europa se encontram pessoas louras e ruivas em maior ou menor quantidade.

(Continúa.)

Severo Borba.

Benedicto Corrêa.

I.

Eu tambem sei uma historia semelhante á de *Motta Coqueiro*, com que ha pouco illustrou as columnas da *Gazeta de Noticias* a fecunda e criterioza penna de José do Patrocinio.

Não refulge ella de tão grande cópia de peripécias dramaticas como a narrativa opulenta do talentozo folhetinista, nem sua acção. de si limitada a um factó, e este menos tragico que o fim do infeliz fazendeiro de Macahé, se desdobra n'um campo de tão largos e sombrios horizontes.

Singelamente contada e desprimorada de europeis de estylo, como singelo é o transumpto, será esta breve narrativa.

Porque isto de estylo não é couza que por ahi ande a granel como o manná, que Deos mandava á seu povo n'aquelles bons tempos, que já lá vão, e em que não havia ainda sido inventado o *pemmican*, o *extractum carnis* e o leite condensado.

Nem é ter estylo o trazer, *ad usum Delphini*, armazenados nos escaninhos do cerebro, e a entumescer a piamater, por ahi uns centos de termos obsoletos e bollorentos, depurados n'um rude e afanozo manuzear de classicos e lexicographos, para, de envolta com algumas locuções roídas pelo guzano, puxal-os ao bico da penna, afim de dizer em sanscrito o que devia ser dito em portuguez.

Pois seria absurdo que neste grande seculo, em que a arte militar attingio as proporções de sciencia, e mata-se o homem com a precisão de um theorema de Pascal, seria

absurdo que alguém se lembrasse de envergar uma daquellas pezadas armaduras do tempo dos Amadis e Rolandos, e de empunhar um daquelles pezados montantes com que os Armagnac partião o adversario de meio a meio, para vir, á competencia com a espingarda Dreyse ou o rifle Remington, discutir seus direitos á mão armada.

Nem tão pouco faz estylo aquelle que no calor de travada polemica levanta sem escrupulo os fios de sanioza ulcera e immerge em pús a penna, com que traça a verrina modelada pela rifaria de almocreves, como certa celebridade litteraria de uma actualidade pouco remota, que só agora li, e cujo nome não cito, porque esta notabilidade, que muito dêo que fallar em certa época, hoje consta que já não existe.

Não cito, nem torno mais transparente a allusão, porque não quero imitar aquella outra celebridade litteraria que escrevêo e dêo á lume uma obra, que ahi anda a fazer motim, obra a qual é um hymno á preguiça senão o gemido agonizante de muza senil e estropiada, inaugurando assim sobre o pedestal de uma glorioza reputação conquistada por muitos trabalhos de subido quilate, a grosseira e mal desbastada figura de um manipanso.

Ora, este senhor, não contente de ter desandado basta cajadada de saloio em todos quantos vultos engrandecem e nobilitão as lettras dos dous continentes onde se falla a lingua de Sá de Miranda e Camões, passou-se dos que escorchou em vida, aos mortos, foi aos cemiterios, cavou como uma hyena, revolveo os cadaveres ainda quentes dos que lá repouzavão da rude faina da intelligencia, e trouxe-os á praça, expol-os ás chufas dos garotos e rio-se com elles do muito espirito da idéa.

Até as sombras augustas do cantor da *Dona Branca* e do solitario de Val de Lobos forão evocadas no famoso libello pósthumo, e offerecidas em espectaculo á irrizão dos imbecís como figuras de jograes em feira de romaria.

Nem lhe escapou á proterva sanha aquella pallida e melancolica vizão, que houve nome Fagundes Varella, e que ainda vive entre nós, de memoria imperecivel, pelos fructos de seu engenho e pelos testemunhos de seu nobre orgulho e sua muita rezignação nos transe de negregado infortunio.

Pobre cantor do *Evangelho nas selvas* e dos *Cantos do êrmo e da cidade*, quando pensaste, nesses dias de triumphos

em que a gloria te acenava com namorado gesto e as massas te offertavão régias ovações, tu que eras o idolo dos teus e a admiração de estranhos, que um dia, quando adormecido na lage de um tumulo, terias de te ver sorprendido e perturbado na paz desse refugio pelo grito dissonante da assuada, e de sentir roçar-te pela fronte proeminente a aza negra de importuno vampyro!

Felizmente o camartello do derrocador não fez mais que um leve arranhão no monumento de tua gloria: teu nome seguirá immaculado por entre a geração que laureoute e continuará inconturbado o cyclo de sua glorioza peregrinação pelos mundos ignôtos do futuro.

Para seu eterno desdouro e confusão, o critico imitou o burro da fabula. Menos feliz que tu, que te finaste improvizando estrophes de sublime inspiração, passando á posteridade envolto nas dobras do *Pavilhão auri-verde**) e ao concerto plangente de toda a imprensa brazileira, elle morrerá prozaicamente de alguma indigestão de feijão carapato com orelheira de porco ou couves lombardas, e descera á valla do esquecimento envolto no *Cancioneiro alegre*, em que se amortalhou em vida, sem outra homenagem mais que uns resmungados *pater* dos gatos pingados da empreza fimeraria e talvez uns lamentozos e lamentaveis artigos de *hodie mihi, cras tibi*, ou *sit tibi terra levis* do rebotalho da imprensa portugueza.

Do rebotalho digo, porque a grande imprensa, a nata do jornalismo, essa que tem por palinuros Casal Ribeiro, Pinheiro Chagas, Silva Tullio, Oliveira Marreca e tantos outros, que são a escola da grande cruzada litteraria iniciada nestes ultimos vinte annos, essa é a herdeira directa das glorias de A. Herculano, Castilho, Garret, Rebello da Silva e outros vividos luzeiros da litteratura portugueza, não renegará seus progenitores, nem desacatará a adorada memoria delles inserindo laudatorias ao verdugo, que tanto a flagellou.

Veio-me ás mãos um dia destes um folheto publicado no Rio de Janeiro e devido á penna de um dos nossos mais esperançosos jovens, Arthur Barreiros. Trata quasi

Alhudo ao titulo de uma brilhante producção de Varela por occasião daquella nossa desavença com a Inglaterra, que tomou o nome de questão anglo brazileira.

que exclusivamente do autor do *Cancioneiro alegre* a proposito do mesmo, mas trata-o um pouco severamente de mais, para não dizer injustamente, negando-lhe meritos, que não é favor attribuir-lhe, e negando-lhe toda a deferencia a que por muitos titulos tem direito. e que não podia perder pelo facto de ter deixado cahir dos bicos da penna esse borrão com que julgou immortalizar-se; e com que immortalizou-se. sim, mas á maneira um tanto desazada do grego, que queimou o tempo; foi o Erostrato de seu grande passado litterario.

A violencia da replica não foi medida pela do ataque, o qual apenas fôra mesquinho, futil, e mais relevo dera aos vultos, que quizera cobrir com a cal de sua grosseira brocha.

Justificação o escôpo do escriptor brasileiro, e são o seu melhor elogio, esse santo sentimento de patriotismo e esse natural ardor da mocidade a cujo impulso obedecêo.

Demais, é de lá mesmo, das plagas que inspirarão o *Cancioneiro*, e do proprio autor d'elle, que nos vem o exemplo dos rudes impetos na liça da imprensa, da arremettida furioza e descommunal, que ás vezes degenera, e degenera tanto que acaba por transformar a fidalga praça da justa em immundo mercado de peixe.

Ora, quem semeia abrolhos, espinhos colhe; e portanto é fortuna colher flores, ainda que de agreste perfume.

E' tempo, leitor, de voltarmos ao assumpto, que faz a epigraphe deste escripto, e do qual me desviei, nem sei mesmo como.

Benedicto Corrêa era um desses proprietarios remediados, mas pobres, que constituem a grande massa das nossas populações do interior.

Uma nesga de terra, que dava para alguns alqueires de planta, um circumscripto, mas lindo herval, um campo de criar, uma pequena e modesta habitação, uma tropilha para conduzir a herva ao porto e algumas cabeças de criação no campo e no terreiro do sitio, erão os haveres que, herdados do velho João Corrêa, homem trabalhador e honrado, e augmentados dia por dia mediante um incessante labor, constituirão toda a riqueza do filho.

Com este patrimonio herdára Benedicto outro mais solido e duradouro: a contracção ao trabalho, o respeito á propriedade de seu vizinho, o espirito de sã economia e a noção de todos os mais deveres de um bom cidadão.

Diversamente do que o geral dos nossos homens do campo, que são por indole muito atreitos aos negocios da politica, e cuidão mais em assumptos eleitoraes do que em suas roças e interesses subjacentes, Benedicto Corrêa não tinha politica alguma, nem mesmo aquella commodissima politica dos que estão sempre com o governo, seja elle de gregos ou troyanos, e acompanhão todas as evoluções dos partidos com a docilidade do catavento, assentando que isto é decente, porque nada mais natural do que mudar-se de opinião.

Quando o duque de Broglie, o filho daquelle outro duque do mesmo nome que a republica levava ao cadafalso, adheriu á democracia e fez solemne declaração de principios, houve uma voz eloquente, a de E. Pelletan, que, saudando em arroubos de enthusiasmo a profissão de fé do neophyto, disse — que não renegava todo aquelle que mudava para melhor.

De accordo, mas resta saber, pois que as opiniões dos homens divergem tanto, o que é que é o melhor. Na opinião de E. Pelletan o melhor é a republica, a transfusão das idéas de J. J. Rousseau no organismo da sociedade; para o duque de Chambord o melhor é a monarchia, com tanto que não seja a dos Bourbons, nem a dos Bonapartes; para Fourier o melhor é o phalansterio; para Rochefort e Blanqui a communa, para o bey de Tunis o laço do estrangulador e para o imperador da China a bastonada.

Ora, como no meio de tantas opiniões desencontradas o melhor arrisca-se muitas vezes a ser o peor, é bem possivel que Pelletan não tivesse lá tanta razão como lhe parecia.

Mas a questão não é isso: a questão é dar côr á apostazia, pois que o mudar de parecer é até couza de sabios: *Sapientis est mutare consilium.*

Não tinha por aquelle lado Benedicto Corrêa um só inimigo, ou mesmo sequer um desaffecto, e por outro só tinha dedicações ganhas pelas suas virtudes, pela bondade com que acolhia a todos que lhe vinhão bater á porta, do viajante extenuado pela fadiga da longa jornada e torturado pela fome, para o qual tinha sempre um talher á meza e uns lençóes lavados no fundo da arca; ao vizinho, que procurava sua opinião em assumptos que demandavão conselho, ou que vinha soccorrer-se de sua bolsa em cazos

pecuniarios de difficil solução e que sabia servido, sem o encargo dos juro e das obsessões; finalmente, aos mais necessitados da redondeza, aos quaes acudia promptamente e com o rizo de franca cordialidade nos labios, sempre que se lhe vinhão queixar de que não tinhão nem um *pósinho* de farinha em caza, porque as chuvas havião estragado a mandioca, ou que lhes faltara o assucar, porque com a cheia do rio ninguem podia ir á villa, perorando pelo pedido de uma cuia de farinha ou um bocado de assucar *emprestado*.

Este *emprestado* não tem aqui a significação restricta que o uzo geral lhe attribue, nem aquella farinha ou aquelle assucar, assim havidos, voltavão mais ao poder do dono, o que de nenhum modo lhe fazia especie porque conhecia os uzos e sabia que esse singular modo de pedir é proprio da altiva indole dos nossos serranos, que são orgulhozos até na fórmula do postulado.

Emprestar é pois simplesmente uma figura de rhetorica, uma engenhosa applicação do bem conhecido apophthegma de Talleyrand sobre o uzo da palavra.

Para suas derrubadas, plantio e colheita recorria Benedicto ao *puchirum*.

É este a realização de um dos mais importantes problemas de economia politica, que as nossas gentes, practicamente e sem serem lidas em Stuart Mill ou Dupont White, tem adoptado ha muitos annos, tirando d'ahi todas as vantagens que offerece o systema de parceria fundado no acto espontaneo e sem as ligações onerosas do contracto,

Consiste o *puchirum* (o leitor, que sabe o que é, tem franca permissão de saltar o periodo): consiste o *puchirum*, ou *puchirão* ou *potirão*, ou finalmente *botirão*, segundo se está mais ao norte ou ao sul do Imperio, no seguinte:

Em dia determinado convoca o lavrador, da pequena lavoura, a todos os vizinhos moradores no raio de uma legua ou duas, para uma funcção, em que ha profusão de comes e bebes, descantes á viola, fandango ou o classico *cateretê*, dança maravilhoza em que tudo, a toada languida e sensual das violas e dos cantares, as evoluções choreographicas dos foliões e das *folgadeiras*, e a um tempo o bater palmas, o estalar da tamanquinha no assoalho e o retinir sonôro das chilenas, produz um conjuncto tão harmoniozo, tão cheio de arte e encantos que seria desprimos-

ral-o se o comparasse ao *salero* da andaluza a compasso de castanholas, ou á *tarantella* da siciliana ao som travesso do mandolim.

Leitor. Estas divagações vão longas, mas permite-me ainda, permite ao meu egoismo uma expansão, que é como um desabafar de saudade a dilatar as valvulas do coração.

Aos quinze annos a poesia identifica-se tanto com o nosso ser que é como se delle fôra uma funcção psychica necessaria. Objectivo e subjectivo a um tempo, está em nós e em tudo o que nossa percepção abrange, como o perfume na flôr, o calor na chamma, é da nossa propria essencia, do mechanismo intimo de nossas faculdades. Está em nós a arrebatat-nos á mundos de estranhos ideaes, a adormentar-nos em scismas, a prostrar-nos no indefinivel narcotismo do espirito, que é como a anesthesia dos nervos; fóra de nós, a solicitar-nos, em todos esses phenomenos naturaes, que nos cercão e nos deslumbrão n'um raio de luz, no canto de uma ave, n'um pedaço de céu azul, na fimbria rozacea que tinge o occaso, no cahir das folhas seccas, na solemne mudez da solidão, nas rudes harmonias da procella.

Era nesse tempo. Eu habitava recentemente uma pequena cidade junto ao mar. Uma noute de verão, fazia um luar esplendido, alonguei meu passeio pela praia. Caminhava com os olhos embebidos na tremula facha luminosa que balouçava sobre as ondas e com os ouvidos encantados no soluçar da vaga, que parecia gemido de ondina a carpir no fundo do mar o pranto crystallino, que em borboões de perolas se desfazia na arêa.

Subito parei. Uns sons estranhos me ferirão os tympanos. Vinhão trazidos pela viração do lado de uma pequena montanha, que se me interpunha, e, em fórmula de promontorio, se internava pelo mar. Sem difficuldade galguei a montanha, que era de facil accesso.

Daquella eminencia descortinei um painel que n'um raptó de admirativa contemplação prendeo-me os pés ao chão, como se bruscamente os sentisse em contacto com a pilha electrica.

Esplendia no fundo uniforme de uma vasta tela luminosa a mais formosa, mais pittoresca paizagem que á imaginação é dado conceber, e como só se encontrão nas divinas aquarellas de William Cowper, o insigne pintor de

cottages, ou de Roza Bonheur antes dos seus estudos sobre o genero equestre, em que produzio as primeiras obras primas da pintura moderna.

No centro de um vasto plano, que se desdobrava desde a baze da montanha em suaves ondulações por um extenso horizonte, alvejava, como se fôra bando de garças adormecidas em seus ninhos de verdes algas, um grupo de cazinhas equidistantes a surgir por entre macissos de arvores e a illuminar-lhes o sombrio colorido.

N'uma dessas cazinhas havia luz e movimento, e d'ella é que vinhão aquelles sons, até ali confuzos, mas agora definidos, que me havião attrahido á esse lugar.

Davão ali uma funcção, dessas de que acabo de occupar-me, e aquelles sons erão a irradiação expirante de um fóco de harmonias produzidas pelo concerto de vozes, rizados, cantares, toques, palmas e sapateados.

A impressão que então senti é intraduzivel. De um lado o mar com seu longinquo rumorejar, em frente aquella brilhante perspectiva inundada de luz, no céu a lua em seu plenilunio a destacar-se como uma lampada de prata no fundo azul de cobalto, e da baixa da montanha, a erguerem-se lentas como os vapores da ante-manhã e a passarem-me pelos ouvidos como os sons phantasticos de um côro de Wagner, aquellas ondulações sonôras trazidas pela viração.

Ainda hoje, e são decorridos bastantes annos, parece-me que estou presente a essa portentosa scena; como que sinto ainda a escoar-se-me pelo nervo acustico e a embalar-me n'uma sensação agri-doce bem semelhante á indefinivel dôr da nostalgia, umas notas mal extinctas daquella toada.

Mas, reatando o fio de minha narração, da qual por um momento me affastei para dar arrhas ao sentimento, e voltando ao tal *puchirum*, devo dizer que elle não se limita á só folgança descripta.

Esta é apenas uma preliminar ao tratado de mutuo auxilio entre o dono da caza e seus convivas; um modo engenhoso de obter o concurso de braços para o trabalho sem ajustal-os, e sómente explorando a indole folgazã e divertida dos donos delles.

Depois de repetidas circumvoluções das chavenas de *canninha* quente ou da cuia de matte pela sala, quando a

noute vae adiantada, e á medida que os effluvios alcoolicos começão a invadir o cerebro de cada um dos convidados, vão-se estes suavemente esgueirando d'ali á procura de uma accommodação para o seu individuo, o que fazem de qualquer geito, não se lhes dando que seja n'um catre, ou n'uma esteira, ou n'um couro, comtanto que possam tomar uma posição horizontal. Deste modo vae-se insensivelmente rareando a roda dos dançadores e bem assim o estro dos violeiros, que acaba por tambem sentir-se influenciado pelos taes effluvios e pede tréguas e uma esteira.

Ao romper da alva saltão todos da *cama*, e, depois de aquecido o peito por uma boa chicara de fumegante e alourado café, tomão o caminho da roça, armados de suas fouces ou enchadas, segundo a tarefa é de derrubada ou capina, e ali trabalham alegremente todo o dia, fazendo nessas doze horas de labor mais que o só lavrador em trez mezes, com a grande vantagem para elle de assim aproveitar a estação, que não espera por ninguem.

Fica entendido que o amphitrião da festa liga-se deste modo ao compromisso de tomar parte em todas as outras de igual genero que houver pelo bairro, o que cumpre tanto mais escrupulozamente, quanto comprehende, como qualquer outro mortal, que as indiscutíveis vantagens do util reunido ao agradavel não são para desprezar.

A existencia de Benedicto Corrêa passada naquelle almo remanso, corria-lhe suave e calma como o nado indolente das marrequinhas selvagens, que vinhão banhar-se no açude, cujas aguas punhão em movimento o monjolo do sitio.

Mas havia com tudo um grande vacuo nessa existencia. Aquelle feliz retiro para ser paraizo e propiciar seu dono com todas as condições de uma ventura real e completa, precisava de uma transformação semelhante áquella que se operou aos olhos do primeiro homem quando despertou de seu profundo somno e sentio a vertigem do deslumbramento, o doce enlevo do extasi na contemplação da radioza imagem que lhe surgira ao pé.

Aquelle Adão precisava de uma Eva. No seguinte capitulo veremos como foi que esta se lhe deparou n'um encontro, que parecia ser acazo, mas que elle jurava ser destino.

(*Continúa.*)

Gustavo de Castro.

Fragmentos de um poema.

MAGDALENA.

Não vejas! si a vires... — eu sei porque o digo!
Tu morres de amor!

MACEDO.

O meu poema é o sonho de uma noite de
estio. Não se dirige á um fim, como a vida, como
o amor.

H. HEINE.

Formosa como as virgens da Circassia,
Ella tinha das moças hespanhólas,
As tentações subtís...
Fundia na voz clara, alegre, límpida,
A morbidez das langues barcarólas
E os brilhos dos fuzís!...

De dinheirozo varão herdeira unica,
N'um gesto, n'um olhar — realizava
T'odos os sonhos seus;
E nos aureos salões aristocraticos
A' cauda dos vestidos arrastava
As almas dos *Romeos*...

Nos templos, nos theatros, nos palacios,
Onde quer que o seu vulto portentozo
Pasmasse as multidões;
Como por um encanto, ou por mysterio,
O seu ar de rainha, imperiozo,
Impunha adorações!...

Mais alva do que o mármore das estatuas
Era a branca epiderme setinoza
Do seu collo ideal;
E a rózea côr dos purpurinos labios
Tinha a maciez das pétalas da roza,
Das contas de coral...

Os cabellos escuros, longos, túrgidos,
Cheios de arômas, cheios de fulgores,
Erão noute sem fim...
Sombreamo-lhe a alvura das espaduas,
Como á areia das praias os verdôres
Do trémulo capim.

Havia em seu olhar, sereno e languido,
Um não sei *quê* de merencório e doce,
Que fazia scismar...
Borbulhavão ali fluidos magnéticos,
Faiscando ardentias — qual si fosse
Algum nocturno mar!...

Quando um sorriso lhe frizava os labios,
Como os jasmims — que á luz das alvoradas
Rorejados estão,
Os dentes, claros como algentes pérolas,
Imitavão os pingos das geadas...
As bágas de Ceylão!

Como as moças romanticas, hystericas,
Tinha ás vezes caprichos indiziveis...
Loucuras de mulher!...
Embalando-se em rédes de lascivia,
Sonhava, sem dormir, com *impossiveis*...
Chorava sem querer!...

Quantas vezes a *Dama das Camélias*
Não lhe arrouxou, em noutes não dormidas
Os olhos divinaes!...
Quantas vezes n'aquellas frias paginas
Não rolarão-lhe lagrimas doridas
Em ancias virginaes...

Quantas vezes sentava-se, ao crepusculo,
A' sombra de arvoredos murmurante,
Scismando — sem ninguem —
Até que a lua cheia, branca e pallida,
Por traz da cordilheira no levante
Apparecesse — além...

Lêra com sêde a colossal tragédia
Do poeta allemão: de *Fausto* a vida
Seguira até ao fim...
Tinha medo talvez de *Mephistóphelus*...
Mas — sentia não ser a *Margarida*,
Na scena do jardim...

Si alguém ousasse profanar-lhe a insomnia,
— Como o vento nas moitas da violeta —
Entrar no quarto seu:
Sentiria offegar-lhe o collo eburneo
Ouvindo-a murmurar: „Sou *Julieta*...
„Precizo de um *Romêo*!“

Ella banhára a fronte na castália
Dos delirios febrís da mocidade,
Na sêde do Ideal...
Sentia n'alma impreenchivel vácuo...
Amava a solidão: tinha vontade
De a sós viver n'um val...

A sós — não!... como azylão-se dous passaros
No limitado centro d'um só ninho,
A' sombra do sertão,
Ella queria achar uma alma gêmea,
Que n'um beijo de amor, que n'um carinho
Lhe abrisse o coração.

Sôro de sangue, que gelára a angustia,
Lhe escorria na face, lentamente,
Em bagas de crystaes...
Seria um crime rir d'aquellas lagrimas!
A alma, que distilla a dor que sente,
E' que sente de mais!

Sonhou talvez vir a lograr caricias
De um peito juvenil, ébrio de almejos,
Exhuberando amor

Mas . . . cançou de esperar o louro príncipe,
● mancebo gentil dos seus desejos,
Moreno e sonhador! . . .

A alma da mulher é um mysterio,
Desde que troca os brincos de criança
Por scismas de mulher.

Problema. — Os sacerdotes da sciencia
Meditão dia e noute . . . nem esperança! . . .
Não podem rezolver.

O som e a luz, a briza e o crepusculo,
E lava . . . e gelo . . . e sombra . . . e claridade . . .

— Preterito e porvir —

Tudo ella encerra em si: crenças e duvidas!
Veste-se de esperança e de saudade . . .
E chora mesmo a rir! . . .

Mucio Teixeira.

José.

Drama em 1 prologo, e 3 actos.

Por

ARTHUR ROCHA.

ACTO 1º

(Gabinete elegantemente mobiliado.)

Scena 1ª

JOSÉ E ANGELA.

(José, sentado á E., escreve em uma secretaria; Angela está junto d'elle, tendo na mão uma pequena salva com uma chicara.)

ANGELA.

Sr. distrahido, advirto-lhe que o café esfria.

JOSÉ.

(Deixando de escrever e voltando-se.) Eras tu, Angela? . . .
Estava tão embebido a escrever que

ANGELA.

Sem duvida, um daquelles brilhantes artigos com que castiga todos os dias os erros do governo e firma a sua reputação de escriptor abalizado?

JOSÉ.

Qual, Angela . . . se alguma couza faço, não é que seja resultado de um talento feliz, nem de uma illustração profunda. E' que, nos amargores da minha vida passada,

no estudo que hei feito do mundo e de suas couzas, tenho aprendido a amar a virtude e a desprezar a immoralidade e o vício. Nesta luta politica, em que me vês envolvido, eu sou talvez uma ave peregrina, sonhador de utopias, de futuros irrealizaveis. Guia-me o bem da patria e revoltava-me a corrupção dos governos. Para isso, vê: todos os dias lanço-me em rosto a inferioridade do nascimento; cospem sobre mim nas columnas de todos os jornaes a baba peçonhenta da diffamação e do insulto. E eu não paro na minha derrota; prosigo sempre, como se fôra surdo e cêgo; marcho para o futuro, com o mesmo desprendimento com que sóbe ás eminencias do espaço, em demanda da sciencia, o audaz aereonauta.

ANGELA.

A' corôa de seu merecimento incontestavel junta meu padrinho os louros da modestia, que mais a realção.

JOSÉ.

Tu és quem assim o julga.... (*Mudando.*) Mas... sabe, Sra. Angela?... Estou muito desgostozo comsigo?

ANGELA.

(*Entristecendo.*) Commigo?... E porque?

JOSÉ.

(*Percebendo e fingindo-se grave.*) Porque desobedece ás minhas ordens, e, mais ainda, recuza-se a fazer o que lhe peço.

ANGELA.

Eu, meu padrinho?... De que modo?

JOSÉ.

Acabo por zangar-me seriamente, e então teremos de ficar mal, por espaço.... por espaço de oito dias, não, quatro.... não, dous.... dous dias.

ANGELA.

(*Comprehendendo.*) Reduza isso de uma vez a vinte e quatro horas. Já sei porque é.

JOSÉ.

Ainda bem, pois espero que não se reproduzirão os factos de que me sinto queixozo.

ANGELA.

Pois tenha paciencia, que, desta vez, hei de desobedecel-o.

JOSÉ.

Atreve-se? . . .

ANGELA.

Oh! se sim: hei de continuar a trazer-lhe o café todas as manhãs, depois do jantar e á noute; e agora sou eu quem diz: não admitto contrariedade.

JOSÉ.

Sim? . . . Então quer rebellar-se contra o poder constituido? Sabe em que crime incorre?

ANGELA.

Não sei, nem o dezejo. O que sei é que, se me contesta, serei eu quem se zangará, e então não o ficarei só por vinte e quatro horas, mas por vinte e quatro dias.

JOSÉ.

Devéras?

ANGELA.

Bem devéras.

JOSÉ.

Está bom; submetto-me, confessando-me vencido. Tu representas, por exemplo, a soberania do povo, e eu o poder governativo. Ante a vontade daquelle deve este submeter-se. São as minhas theorias em politica, admitto-as no lar domestico. Traze, pois, quantas chicaras quizeres, que eu te prometto beber todas com a mesma satisfação, com que vou beber esta, apesar de fria.

ANGELA.

Dê-m'a, faz-se outra.

JOSÉ.

Não quero.

ANGELA.

Não faltava mesmo mais nada, se, sabendo eu que meu padrinho gosta do café, feito por minhas mãos, fosse resignar este cuidado nas dos desastrados criados. (*Tomando a chicara da mão de José, que tem acabado, vae collocal-a na meza do centro.*) Agora continúe a escrever, que eu vou ver que tal está a manhã.

JOSÉ.

(*Continuando a escrever e fallando*) Sim? Então, é realmente a manhã que tu vaes ver? . . .

ANGELA.

(*Sorrindo, enleuada.*) É o que mais ha de ser?

JOSÉ.

(*Sempre escrevendo.*) Ora, ha tanta couza que ver neste mundo que a final de contas bem podia ser que fosse outra qualquer.

ANGELA.

Está bom: ja não vou mais á janella. (*Pauza.*) Sinto passos

JOSÉ.

Ha de ser a manhã

ANGELA.

Está caçoando, padrinho?

JOSÉ.

Por Deos, que não! Tu querias ir vel-a á janella; pois eil-a que vem ao teu encontro. (*Voltando-se e vendo Carlos, que entra, trazendo um pequeno ramo.*)

Scena 2^a

JOSÉ, ANGELA E CARLOS.

JOSÉ.

Ora, ahi a tens: frésca, louçã, jubiloza manhã de primavera, em pleno Junho. Traz flôres e rizos. Que mais queres? Já não precisas de ir á janella.

ANGELA.

Meu padrinho. . . .

CARLOS.

Bom dia. Realmente, se tudo quanto as moças amão, se rezume em flôres e rizos, não sei o que D. Angela possa mais desejar, quando eu trago-lhe umas (*dá-lhe o ramo*) e outros. . . .

ANGELA.

Obrigada, Sr. Carlos Era o padrinho que estava a gracejar. . . .

CARLOS.

As flôres é minha mãe quem as manda

JOSÉ.

E os sorrizos, o Sr.

CARLOS.

Eu!

JOSÉ.

O senhor, sim; porque é mister que comprehendamos: os rizos da predilecção das moças não são os dos velhos,

rizos carunchozos, que, no descerrar dos labios, deixão ver ordinariamente uns dentes amarelecidos e gastos pela acção do tempo, se é que ainda a felicidade de mostrar os dentes lhes é permittida. Os que ellas amão são os dos moços, que representam a primavera com todo o seu cortejo de galas e primores, esses rizos expressivos, que fallão, que cantão, que dizem mais do que a palavra, porque têm a eloquencia despotica do amor, que em tudo se manifesta grande tal qual é. Ria-se, pois, o Sr. Carlos para Angela: é isso o que ella quer.

ANGELA.

O padrinho está hoje

CARLOS.

De veia, como se costuma dizer.

JOSÉ.

Pois bem, seja de veia. E vocês estimão bastante
Ora, digão lá se não?

ANGELA.

Quanto a mim, bem sabe que sim. Nunca gostei de vê-lo triste e estou sempre contente quando o vejo de bom humor.

CARLOS.

O mesmo me succede.

JOSÉ.

Então, esperem um pouco, emquanto vou lá dentro preparar-me para ir á typographia. São apenas dous minutos que passão sem a minha *veia*. Até já. (*Sae.*)

Scena 3^a

ANGELA E CARLOS.

CARLOS.

E' uma perola o teu padrinho, Angela.

ANGELA.

A quem o diz, Carlos, (*indica-lhe cadeira e sentão-se*) á mim, que sou quasi sua filha; que aprendi desde o berço a adoral-o, a veneral-o; que ouvi dos labios de minha mãe expirante estas palavras: Angela, elle é teu pae.

CARLOS.

Bem profunda deve ser a affeição que lhe dedicas.

ANGELA.

Não podia ser mais. E depois, bem o vê, Carlos, se elle é, ou não, digno della. No mundo, para mim, elle e....

CARLOS.

E.... diz, Angela. Essa palavra, que te ficou suspensa nos labios, eu quero ouvir-a.

ANGELA.

Tenho-t'a dito tantas vezes que já te suppunha cansado de....

CARLOS.

Cansado!... Cansado de ouvir-te dizer que me amas?... Criança! Cansas porventura de ouvir dizer que és bonita? Enfastião-te os carinhos de teu padrinho?

ANGELA.

Os carinhos de meu padrinho? Por mais repetidos e continuos que sejam acho-os sempre poucos.

CARLOS.

Ahi tens; do mesmo modo nunca me enfastia ouvir de teus labios a confissão desse amor que, nem sei porque felicidade, pude merecer-te. Ha dez annos que vieste para esta cidade, em companhia de teu padrinho. Eras, então, uma criança adoravel. Fomos desde essa época até hoje vizinhos. Teu padrinho estabeleceo aqui a sua officina de trabalho e em pouco tempo soube conquistar esse nome invejavel que possui. Eu via-te todos os dias, e quanto mais te admirava, criança, mais me embuia de um certo presentimento de que te havia de amar. Sabes hoje, como eu, quanto era verdadeiro o presentimento que eu alimentava. Tu fizeste-te moça e o resultado dos nossos amores infantís, foi que nos costumassemos a considerar-nos noivos.

ANGELA.

E' certo que assim nos consideramos; mas o que é de notar, meu Carlos, é a delonga que tem soffrido a realização desse desejo querido de nossa alma. Delonga que tu mesmo promoves, e cujo fundamento não apparece.

CARLOS.

(*Um pouco embaraçado.*) Tu és quem assim o suppõe. Espero apenas melhorar de condição....

ANGELA.

Não póde ser isso uma razão, quando meu padrinho mil vezes lhe tem dito que essa difficuldade facilmente desaparecerá.

CARLOS.

Eu eu compreendo o generoso procedimento de teu padrinho; mas é que não quero, não posso, nem devo acceitar

ANGELA.

Não faça com que me persuada de que devo ter um marido soberbo

CARLOS.

Por Deos, Angela, é que

ANGELA.

É, que o seu amor não é talvez o que eu pensava

CARLOS.

Angela

ANGELA.

Tudo quanto o Sr. faz e diz, não é mais do que um pretexto para passar o tempo um pouco mais agradavelmente, não é?

CARLOS.

Não, Angela

ANGELA.

É, sim: cada dia mais profunda se me torna esta convicção, que me afflige, que me tortura. Mas, então, diga-me: por que razão me illude? porque não desfere de uma vez o golpe definitivo?

CARLOS.

Angela, está a dizer-me couzas horriveis

ANGELA.

Devia ter pena de mim e uzar de mais franqueza. Vamos, Carlos, confesse a verdade, qualquer que ella seja.

CARLOS.

(*Depois de hesitação.*) Bem, Angela, não quero que por mais tempo persista n'um erro, que me offende. Eu vou dizer-lhe tudo, ainda que isso possa cauzar-lhe um desgosto profundo. Ouve-me! Dizem

Scena 4^a

OS MESMOS E JOSÉ.

JOSÉ.

(*Que deve ter ouvido o final da scena.*) Que certo rei, andando um dia á caça, vio de repente um dos seus cortezãos, que havia ficado na côrte, vir a todo o galope. Per-

cebeo logo que aquillo era alguma noticia de importancia que lhe vinhão dar. Parou e esperou. O cortezão chega, e, pondo a alma pela bôca fóra, diz-lhe sem tir'-te nem guar'te: Senhor, morreo a rainha. . . . Imaginem o estado em que ficou o rei. Deitou a correr em direcção ao palacio, saltando por cima de abysmos enormes, vencendo as distancias com a rapidez do raio. Chega, corre á camara da rainha, que vem ao seu encontro, por sua vez assustada de tanta precipitação. O rei, ao vê-la viva, sente uma tal alegria, que lhe produzio um ataque de cabeça, do qual esteve para fazer a grande viagem da eternidade. No cabo, o cortezão fôra victima da sua leviandade. Saindo de caza ouvira dizer — morreo agora mesmo a rainha, e para ser o primeiro a dar esta lutuoza noticia, correo sem indagar de mais nada. Porém, a rainha que morreo, era uma mulher da moda, muito conhecida na terra pela depravação de seus costumes. O cortezão teve, como premio de seu engano funesto, o ser banido da côrte e despido de todas as honras. . . .

ANGELA.

Mas, padrinho. . . .

CARLOS.

(*A' parte.*) Compreendi-o. (*Alto.*) Essa historia. . . .

JOSÉ.

É a *veia* que ainda dura. Desculpem, isto é mania dos velhos, andarem a contar historias. Não póde agradar á todos, convenho; mas nós temos o grande defeito de não consultar o gosto d'aquelles á quem nos dirigimos.

CARLOS.

E quem lhe disse que a sua historia nos não agradou? Olhe, á mim pareceo-me de summo interesse.

JOSÉ.

Ah! sim? . . . ainda bem. Diga-me: vae para o lado da typographia?

CARLOS.

Não, Sr., mas saio tambem. Precizo dar algumas voltas. (*A' parte.*) Entendo, quer levar-me. . . .

JOSÉ.

Então, vamos juntos. Adeos, Angela. (*Beija-a na frente.*)

CARLOS.

Minha senhora. . . . (*Sae.*)

ANGELA.

Não se demore muito. sim, padrinho?

JOSÉ.

Sim. (*Sae. Angela desce e vendo um papel sobre a secretaria, toma-o e vae á janella.*)

ANGELA.

Padrinho!.... (*mostrando*) Olhe, esqueceo-se!....

JOSÉ.

(*Entrando pouco de pois.*) Esta cabeça!....

ANGELA.

Meu padrinho, diga-me: que quiz dizer com a sua historia?

JOSÉ.

Queres sabel-o? Pois bem, quiz dizer: que deves esquecer-o.

ANGELA.

Quem?

JOSÉ.

Carlos. Adeos. (*Sae.*)

Scena 5ª

ANGELA. (*Só.*)

(*Fica alguns instantes pensativa*) Elle disse — esquecer-o, como se dissesse: ama-o cada vez mais. Que significa isto? Aquella historia... / aquella indecizão de Carlos.... E' alguma couza que me occultão, mas que preciso saber. Por que razão esquecer-o? Como? Eis o que eu pergunto á mim mesmo. Mas, se este amor é uma parte de meu ser, a seiva de que se nutre a minha existencia!.... (*Senta-se pensativa. Batem á porta.*) Quem será? (*Vae abrir.*)

Scena 6ª

ANGELA E LUIZ.

ANGELA.

(*Abrindo a porta.*) Quem é?

LUIZ.

Dá licença, minha senhora?

ANGELA.

Faça o favor de entrar. Mas.... meu padrinho não está.

LUIZ.

Melhor; porque não é á seu padrinho, e sim á V. Ex^a, que eu dezejo fallar.

ANGELA.

A mim?

LUIZ.

Sim. (*Angela indica-lhe o sophá e sentão-se.*)

ANGELA.

Mas, Sr., eu não posso, nem devo ter segredos para elle, assim como não tenho tambem negocios particulares á tratar....

LUIZ.

Queira desculpar-me; mas verá que só á V. Ex^a interessa o que tenho á dizer. Conhece-me, de certo?

ANGELA.

Ha muito tempo já.

LUIZ.

Sabe que Carlos é meu filho?

ANGELA.

(*Assustada.*) Sim, Sr.

LUIZ.

Pois bem; é d'elle que vou fallar á V. Ex^a. Esperei muito tempo de proposito, que seu padrinho sahisse, para vir procural-a. Trata-se, minha senhora, de um cazo grave.

ANGELA.

En o escuto.

LUIZ.

Antes de tudo devo dizer-lhe que não venho com intenção de offendel-a. Se porventura, no que tenho á dizer-lhe, houver alguma couza que a possa magoar, creia que só a importancia do successo e a força das circumstancias me obrigarão a proferil-a. V. Ex^a e seu padrinho aportarão um dia a esta terra. Erão pobres, talvez, mas sympathicos. O talento de um e as graças de outra fizeram com que toda a gente os acceitasse taes quaes erão, sem indagar donde vinhão, o que erão e a que vinhão. Quiz o acazo que fossemos desde então vizinhos. Como era natural, estabeleceo-se entre as duas familias uma intimidade, que logo tomou character mais serio, tornando-se em amizade. Meu filho achou em V. Ex^a o seu ideal de moço, e desde

então voltou para esta caza todas as suas faculdades. Até aqui o modo, por que temos vivido. Agora, o facto importante, que aqui me trouxe.

ANGELA.

Não posso comprehendel-o.

LUIZ.

Far-me-hei comprehender. Vae para alguns mezes, como sabe, que um terrivel acontecimento abalou minha caza. A quebra da caza commercial Soares & Müller affectou a consistencia da minha. Vejo-me perto do abysmo profundo da bancarota e consequentemente impossibilitado de assegurar o futuro de meus filhos. Aparece a Carlos, que é meu socio, um cazamento vantajozo

ANGELA.

Ah!

LUIZ.

Que, salvando-o, salva-me tambem e a todos os nossos. Pois bem, Carlos esquece familia, bem estar, fortuna, tudo por sua cauza e recuza a proposta.

ANGELA.

Generozo coração!

LUIZ.

Sim, generozo Mas sabe, o que diz o mundo, o que diz a sociedade, o que dizem os meus amigos? Que Carlos vende-se a seu padrinho, que tem secretamente muito dinheiro; que baixa da sua posição, que abdica dos seus brios de homem, movido unicamente pelo interesse. E mais: sabe como chamão a seu padrinho? O negro. Pois dizem tambem, que esse negro é seu pae, que V. Ex^a é filha de um amor criminozo, que seu padrinho foi escravo de sua mãe.

ANGELA.

Ah! basta, senhor, é muita crueldade. Para que me vem dizer estas couzas. que o mundo murmura pela voz da calumnia, da infamia e da mentira?

LUIZ.

E' para que V. Ex^a saiba a que abjecção reduz meu filho, e para fundamentar a prohibição, que vou fazer-lhe de continuar a vir á esta caza.

ANGELA.

Porque não diz de uma vez tudo quanto dezeja e me poupa de ouvil-o? O que exige de mim? Que esqueça

Carlos? Impossivel! Pois bem; eu o repellirei, tirar-lhe-hei todas as esperanças, tornar-me-hei perjura á seus olhos, e elle me esquecerá. E' tudo quanto lhe posso prometter. Mas, vá-se, Sr., vá-se, que eu não quero mais ouvil-o.

LUIZ.

Eu vou, minha senhora, vou e agradeço-lhe o bem que me faz. (*Vae á sahir e encontra Carlos.*)

Scena 7ª

OS MESMOS E CARLOS.

CARLOS.

Meu pae!...

LUIZ.

Tu aqui?!

CARLOS.

(*Vendo Angela, que chora, apoiada na meza.*) Ella! Chorando! (*Corre a Angela, esta levanta-se impetuoza, e, sem olhal-o, aponta para Carlos a porta da rua.*) Que quer isto dizer, Angela? Mandas-me embora?... Não fallas? Meu pae, explique-me o que quer isto dizer?

LUIZ.

Quer dizer: que ella te manda sahir.

CARLOS.

A mim?! E porque?

LUIZ.

Não é çazo de perguntar e sim de obedecer. Vamos.

CARLOS.

(*Depois de longa hesitação.*) Vamos. (*Vae á sahir.*)

ANGELA.

(*Que tem feito um esforço supremo para ter-se de pé, cae na cadeira.*) Oh! meu Deos!

CARLOS.

(*Voltando-se.*) Não; eu não saio d'aqui sem saber o que se passou. Angela, o teu silencio me lança o espirito n'um oceano de conjecturas. Falla, falla... dize que isto que se dêo foi meramente para assustar-me. Falla, por Deos!... O que se passou?....

ANGELA.

O que se passou? Seu pae que lhe diga.

CARLOS.

Meu pae!....

LUIZ.

Sim, eu t'ò direi; mas vamos d'aqui.

Scena 8ª

OS MESMOS E JOSÉ.

JOSÉ.

Não; ha de dizel-o já.

ANGELA.

Meu padrinho.

LUIZ.

Senhor

JOSÉ.

Ha de dizel-o já. Essas torpezas, que veio contar á essa creança; esse fel, que veio derramar naquella alma innocente; essas mentiras de que se fez, não inconsciente, mas calculado echo; essa infamia, que veio transmittir a Angela, ha de repetil-a aqui, em presença de seu filho, que eu quero esmagar tambem por minha vez os detractores de minha honra e da da santa martyr, que foi mãe daquella creança. Ah! é demais! Até hoje, em quasi vinte annos de lutas, eu tenho vivido dentro em mim mesmo, dedicado á religião dos meus affectos, que todos se concentram sobre a terra nessa infortunada menina. Tenho sido indifferente ás vozes da maledicencia, do rancor, da inveja, da paixão individual; tenho desprezado os assaltos dos cães famintos de reputações alheias; tenho fechado as portas do meu lar ás vistas curiosas dessa sociedade egoista; porque até então era só eu quem soffria, era sobre mim unicamente que a falsidade e a mentira assestavão as suas armas traiçoeiras. Mas, agora, que ouzão tocar naquillo, que eu tenho de mais caro, na memoria de sua mãe, Angela, eu mudo de idéa e dou tambem combate. Vamos, Sr.; falle; bem vê que eu tenho o direito de exigir.

LUIZ.

Não, Sr. Ha couzas que se não repetem.

JOSÉ.

Ah! recuza-se? . . . Eu logo vi que lhe faltava a coragem. Pois bem; o que não quer dizer, dil-o-hei eu.

ANGELA.

Pois sabe?

JOSÉ.

O que é que eu não sei, creança? Ao meu olhar in-

vestigador nada escapa, e estes factos, que acabão de dar-se. tanto os esperava eu, que ainda cheguei a tempo de tiral-os bem á limpo. Sr. Carlos, dizem por ahi, que o *negro*, como honrozamente me chamão, teve o capricho de comprar um genro *branco*.

CARLOS.

Isso é uma infamia.

JOSÉ.

É; mas seu pae acreditou nella Conhecia-o menos do que eu. Dizem mais, que esta creança é minha filha, e que nasceu de um amor illegitimo entre escravo e senhora.

CARLOS.

Mas é uma calumnia

JOSÉ.

É; mas seu pae incumbio-se de dar-lhe desenvolvimento. Dizem, enfim, que o Sr. rebaixa-se e degrada-se, realizando uma união desigual. Estas *agradaveis* novas veio-as seu pae contar a Angela para que ella renunciasse sua mão

CARLOS.

Então, era por isso que se oppunha ao meu casamento?

LUIZ.

Sim era

JOSÉ.

Agora, tenham paciencia; eu vou desmanchar esse castello de infamias tão adréde preparado para impedir a tua felicidade, Angela. Oução-me. Reclamo especialmente a sua attenção, Sr. *Luiz da Cunha*. Foi n'uma noute tormentoza. O espaço era uma cataracta immensa a se derramar impetuoza na face da terra. Dous homens embriagados, um mais do que outro, penetrarão n'uma caza miseravel na Bahia, em que uma mulher, moça, bella, mas gasta pelo soffrimento, acalentava n'um berço uma creancinha, sua filha. Um delles era o pae da creança. Depois de insultarem a pobre mãe, de cobril-a de baldões e de injurias, houve um que tentou esvergallhal-a, porque ella, n'um impeto de sua dignidade offendida, chamara-o de bebado. Lembra-se, Sr. *Luiz da Cunha*? Já lá se vão quasi vinte annos.

LUIZ.

Sim me parece

JOSÉ.

Na occasião em que o chicote estava prestes á calir sobre a face da victima, appareceo um homem, que ainda

poude impedir a consummação de semelhante attentado. Esse homem....

LUIZ.

Era o senhor....

JOSÉ.

Vejo que tem boa memoria: era eu. E um dos bebados....

LUIZ.

Senhor....

JOSÉ.

(Com força.) Era o senhor....

LUIZ.

Veja que me insulta.

JOSÉ.

Não; era naquelle tempo extravagancias de rapaz, se bem que fosse cazado e já tivesse um filho. Alfredo de Magalhães era o nome de seu companheiro; assim se chama teu pae, Angela. Alfredo de Magalhães ouzou chamar-me amante da mãe de sua filha, porque era eu quem, no seu abandono, no esquecimento com que elle a *distinguia*, levava á mulher, que elle perdera, o alimento de todos os dias, soffrendo eu as maiores privações. Mas... infelizes que erão!... Não conhecião elles os élos sublimes que me ligavão áquella santa. Fique-o sabendo, Sr. Luiz da Cunha, fiquem todos sabendo que aquella mulher havia arrancado, por uma acção generosa, as algemas do captiveiro dos pulsos de minha mãe, quando ainda era feliz e o futuro lhe sorria. Eu adorava-a com idolatria, com fanatismo. Alfredo de Magalhães no dia seguinte partio para a Europa, e eu tornei-me escravo, hypothequei as minhas forças, o meu talento, a minha dedicação á felicidade e ao bem estar de Clara. D'ahi a cinco annos ella morria, deixando ao meu cuidado esta creança, que eu baptizara com o nome de minha mãe, porque ella dissera-me: Ponha-lhe o nome de Angela, José. Eduquei-a, fiz della o mais que podia, trabalhei, ergui-me da obscuridade, busquei um centro mais vasto para desenvolver a minha actividade, e vim para a côrte. Aqui estou, se feliz, se desgraçado, não sei. Esta é a verdade. Agora, que já destrui essa infame calumnia que por ahi correo, vão, meus senhores, deixem-me no izolamento do meu lar, que os senhores vierão amargurar, bem que ceuo talvez abrir-lhes-hei as portas desta

caza, para assistirem ao combate que vou travar com os meus detractores. Adeos.

LUIZ.

Sr. José. Vejo que está excessivamente magoado....

JOSÉ.

Muito, muito, e peço-lhe de deixar-me só.

CARLOS.

Angela.... eu voltarei aqui para ser feliz ou morrer.

Scena 9ª e ultima.

ANGELA E JOSÉ.

ANGELA.

(Cahindo-lhe nos braços.) Meu padrinho!

JOSÉ.

Abraça-me, filha; sim, porque tu és filha do meu coração. Revelei-te, sem o querer, um segredo que eu devia guardar por mais tempo. Não chores!... Deixa que o mundo se revolte lá fóra; breve iremos ao seu encontro. Por ora, encosta-te a este peito, que, emquanto nelle palpitava um coração, podes ficar certa de que pulsa por ti, só por ti.

Fim do primeiro acto.

Avante!

Offerecida á D. Candida Izolina de Abreo.

Tristeza intitulas teus doces gorgeios
Tão bellos, tão cheios de ameno frescor....
Tristeza revelas nos tímidos cantos
 Banhados de prantos,
Descrendo de tudo, descrendo de amor!

De todos os sonhos queridos da infancia
E' doce a fragrancia, celestes o sentir!
Não debes, na quadra dos rizos, das flôres,
 Sonhar amargores
Descrêr do futuro, choroza a carpir!

Eleva-te, ó alma, nas candidas crenças
Rizonhas, intensas, de um lindo porvir!
Apoz a tormenta verás a bonança
 Trazer a esperança
A' flôr namorada, que quer succumbir!

Desfere na lyra serena alegria
E não agonia, que a morte conduz!
Enfeita de rozas a pallida fronte,
 Que o teu horizonte
Se mostra inundado d'esplendida luz.
S. José do Norte, 12 de Julho de 1879.

Zulmira da Silveira.

A Tempestade.

Tudo é calmo. Que silencio,
Que descanso universal!
O céu sem nuvens se arreja
De um bello azul sem igual...
Beija a terra o sol ardente,
Dorme a aragem mollemente
No regaço da amplidão:
O mar immovel se estira
E contra a terra conspira
Co'as nuvens, co'o furacão!....

Como esses leões, que dóceis
Dormem junto ao seu senhor,
Os elementos descanso
Sob os pés do Creador!....
Tremei! E' a hora terrivel
Em que o dêdo do Invizível
Vae seus leões despertar!....
Sim, tremei, humanidade,
Nos ares a tempestade
Vae feroce arrebentar!....

No horizonte um ponto negro
Vê-se de chofre surgir....
E cresce... e vae como um monte
Para o zenith subir....
O vento como um maldicto,
Como o doudo do infinito,

Corre no espaço a gritar!
De sua jaula gigante
Raivozo, féro, espumante
Busca em vão fugir o mar! . . .

A immensidade se envolve
Do nevoeiro no véo
Tudo é treva . . . nem se avista
Um só pedaço do céo
No seio da escuridade
Brilha com agilidade
De quando em quando um clarão!
E a cada qual que apparece
A terra inteira estremece
Ao ribombar do trovão! . . .

Ao forte embate das nuvens
Despenha-se agua em caixões!
E as torrentes despedaçaõ
Os cedros em contorsões! . . .
Apóz si brilhantes traços,
Ostentando nos espaços
A grandeza do Senhor,
Deixão mil raios frementes,
Lançando ás tímidas mentes
Mysteriozo terror! . . .

Mas aquelle, em cujo peito
Arde a fogueira da fé,
Ergue a fronte destemido
Fita a borrasca de pé! . . .
E acima da immensidade,
Vê sentado o Creador! . . .
O tempo ligeiro cresce,
E pouco e pouco enfraquece
Da tormenta o féro ardor!

Cessa de todo a borrasca,
Sopra doce a viração
Espanca a luz o nevoeiro,
Já não reina o furacão!
Mas oh! que quadro sombrio,
Capaz de ao peito o mais frio

Tirar um grito de horror!...
Aqui um monte tombado,
Por um raio derrocado
Enche o esp'rito de pavor!...

Ali se deita a floresta
Que a torrente quebrantou!
Além lamaçal immenso
Um fertil campo alagou!...
No mar as náos orgulhozas,
Expiravão furiozas
Em horriveis contorsões!...
E apenas fitando os astros,
Se mostram tristes os mastros
Em leves oscillações!....

C. de Alencar.

Varella, o poeta.

Allegoria á memoria do grande e infortunado poeta brasileiro

Nicoláo Fagundes Varella.

Por

 DE  RAUJO.

Personagens.

O Poéta.	A Liberdade.
O Tempo.	A Poesia.
A Esperança.	A Morte.
A Orgia.	A Posteridade.

A' seu illustre amigo José de Souza Martins, consagra
este seu primeiro trabalho litterario

O autor.

Acto unico.

O scenario representa uma serra escarpada á beira do oceano.

QUADRO I.

Scena 1^a

POETA E TEMPO.

TEMPO.

Paremos aqui, Poéta. Olha o esplendor que ostenta a natureza. Vês? E' a manhã que desponta, é a vida.

POETA.

Vejo-a, como á ti, com o mesmo pasmo! Quem és tu, que me persegues por toda a parte? que nada ha, que não desvendes e não aniquilles, sereno e impassivel sempre? Serás, porventura, o impossivel?

TEMPO.

Quem sabe Escuta, eu vou dizer-te quem sou. Vi do cháos formar-se o mundo, vi nascer o primeiro homem e verei morrer o ultimo. Conheço o Egypto anterior á Menés; a Ethyopia e o Miroé, a Babylonia e Ninive vi formarem-se, florescer e depois tropecei sobre suas ruinas. Vi Romulo e seus bandidos sobre o Apenino erguerem a soberba Roma, e mais tarde com o sangue desses bandidos moldarem-se os Cezares, os Marios, os Virgilios e os Catões

POETA.

És então a Eternidade?

TEMPO.

Fui com Attila á Aquiléa, com Carlos Magno á Roncevalles, com Colombo á America e conduzi Cabral ao Brazil.

POETA.

Quem és pois?

TEMPO.

Semelhante ao Infinito, irmão da Eternidade, eu sou o Tempo.

POETA.

Pois bem, dize-me, o que sou eu, eu ante ti?

TEMPO.

Um louco, ou um poéta.

POETA.

E o que pretendes de mim?

TEMPO.

Acompanhar-te apenas, para contemplar-te bem de perto a ti e as tuas doudas amantes, para poder contar á humanidade futura os enormes tormentos por que passára teu coração de poeta. (*Ouvem-se sons longinquos de uma muzica festiva.*) Ouves?

POETA.

Oh! magicos sons, sois o encanto da vida, que transformas n'um sonho perenne. Como é bom sonhar assim! Trovadores dos bosques, cantae commigo; entoêmos o hymno festivo.

TEMPO.

E sabes a quem cantas?

POETA.

Não.

QUADRO II.

A ESPERANÇA, descendo em uma nuvem.

TEMPO.

(*Designando a Esperança.*) A' ella.

Scena 2ª

POETA, TEMPO E ESPERANÇA.

ESPERANÇA.

Sim, era á mim que cantavas. Ouvi teus hymnos, Poeta, e amei-te. Serei tua amante sollicita como o fui d'Archimedes, acompanhar-te-hei como segui a Colombo em sua audacioza empresa, estarei sempre junto a ti, como estive junto a Newton. Fui eu quem illudio os argonautas, quem guiou Josué no Shaara, quem elucidou o espirito d'aquelles que ouvirão o verbo augusto do eterno pae do suppliciado do Golgotha. Eu sou o unico sentimento indelevel que se abriga no coração da humanidade... sou enfim, o primeiro sorrizo e a ultima lagrima do poeta.

POETA.

Irmã extremoza da Caridade, unico phanal que brilhas fluctuando no oceano das desditas; mãe carinhoza dos desgraçados, salvé! Tu que desvias o arcabuz do homicida, embótas a aguçada lamina do punhal do suicida, que partes o baraço das forcas, tu enfim, que levas o balsamo consolador da religião ao desespero do miseravel, inspira meus pobres cantos.

ESPERANÇA.

Poéta, tu serás insensato, prostituirás tua alma, descerás até ao sacrilegio; tuas faltas serão um insulto á Deos... Depois terás o arrependimento, e esse será uma redempção sublime.

POETA.

Guiar-me-has sempre, se porventura a allucinação se apoderar de todo o meu ser, e conduzir-me ao abysmo... tu me ampararás nessa quéda, não é assim?

ESPERANÇA.

Sim. Adeos.

POETA.

Quando então nós tornaremos a ver?

ESPERANÇA.

No futuro. (*Desapparece, remontando-se com a nuvem.*)

Scena 3^a

POETA E TEMPO.

POETA.

Abandonado pela Esperança!... Que me resta pois? (*Pauza.*) Mundo, pelago insondavel de podridão... homens, nautas, sociedades, bateis, que o sulcão; reis, palinuros, que os guião... eu não quero comprehender-vos, quero sonhar... sonhar sempre... Seja o meu viver uma embriaguez constante... Eia, pois, salvé, orgia, evoê!

TEMPO.

Vês como já vae alto o sol no horizonte? Sua côma luminosa doura a natureza e os raios, que despede, fascinão e incitão-te, não é assim?

POETA.

Sim, sinto que tenho forgas, que um volcão crepita em meu cerebro, que um poder indômito me impelle sem que eu saiba para onde; o phrenezi tortura-me, preciso de gozos até a saciedade... Quero a mulher, a mulher que inspire, electrize e arrebate, porém que não sinta... bella como a Phriné, fria como a Galathéa.

Scena 4^a

POETA, TEMPO E A ORGIA.

(*Ouvem-se os sons mysteriozos de uma walsa, e pouco depois entra, conduzida em um rico palanquim, uma formosa odalisca indolentemente reclinada.*)

POETA.

Estatua, se fôra eu quem te ciuzelasse, por certo teria a morte de Pygmalião. Eurydice dos modernos Aristêos, envolve-me em tuas somnolentas azas e arrebatame á esse mundo ideal, onde existe o dedalo das insoffridas paixões, a que chamão loucura.

ORGIA.

Tu não me odeias tambem? Não sabes que fui eu quem prezidio os banquetes de Balthazar, a opulencia ardilozza de Cleopatra, a impudencia real da Messalina e os crimes sombrios de Nesle e Vincennes?

POETA.

Sei tudo.

ORGIA.

. . . . que tenho reinado nos harens da Turquia . . . que nos paços da Inglaterra convivi com Stuart; nos da França com Gabriella d'Estréis e Dubarry, e na Russia com Catharina? O ruge-ruge do setim da aristocracia é o meu hymno; com elle desvio muitas vezes a penna do magistrado e penetro occultamente no Vaticano, onde me imponho?

POETA.

Tens tido bellas phantazias?

ORGIA.

E' verdade, empunho óra o sceptro da realeza, óra a mytra sacerdotal, óra o cajado do pastor. Durmo ás vezes em plumozos leitos, outras sobre o estrado de taberna immunda; dou um braço á crápula e o outro á fidalguia. A diplomacia chama-me a Intriga, os philozophos a Corrupção e os burguezes a *Orgia*. Só tu chamas-me a Poesia.

POETA.

Tens o canto da sereia, a melodia que fascina, seduz e mata, e as côres da coralina, cuja belleza attrahe fatalmente.

ORGIA.

Sou tambem cruel: peço ás vezes as azas do anjo do exterminio e suffoco com ellas aos meus adoradores. Tanto se me entregou Tiberio que o fiz asphixiar por Macron; ri-me, vendo Caligula prostrado por Chereas, Philippe II. de Hespanha manchando-se no infanticidio, e entreguei, em uma noute d'orgia, Henrique IV. ao punhal de Ravailac.

POETA.

Quem póde resistir ao crime, quando a belleza o

impõe? Quem pôde deixar de ser teu idolatra com o fanatismo brahminico . . . com a tenacidade judaica? . . . Sei que és a morte, e no entanto amo-te. Sei que teus labios têm a algidez da neve e quero beijal-os.

ORGIA.

És então um doudo, ou um suicida. Conheces que tenho a morte á flôr do labio, e queres delibal-o?

POETA.

Morreria sonhando. Que importa á mim a vida, se o mundo é um charco, onde revolvem-se esses asquerosos vermes, que se chamão homens? Quero conchegar-te a mim; quero beber inspiraçoẽs arrebatadoras; quero cerrar-te em estreito amplexo, embora, como o terrivel kalmar, tu me enlaces, fazendo-me soffrer as mais horrorozas torturas, até asphixiar-me. . . Antes, porém, deixa que te ame um instante . . . rasga essas tapeçarias com que te adornou a luxuria, velando encantos mais admiraveis e raros . . . cerra um pouco mais essas palpebras . . . embacia esse olhar que queima. E deixa, ó deixa-me sentir o offegar de teu collo, cingir ao meu teu corpo voluptuozo, embriagar-me no perfume lethal de teu halito . . . e quando, porventura, a imagem pallida da saciedade se vier interpôr entre nós. oh! não me deixes despertar mais, faz com que de meu corpo pasto dos vermes, se desprenda minha alma, transcendendo aos mundos ignótos d'além.

ORGIA.

E o mundo? e o teu futuro?

POETA.

Odeio os homens, porque elles desprezão o bello, e fazem do algoz o vencedor. Quero collar meus labios concupiscentes aos teus e morrer assim.

(Ouvem-se as melodias de uma walsa.)

ORGIA.

(Estendendo-lhe os braços.) Pois então, vem.

POETA.

Si a immortalidade tem gozos como este, ó morte, envolve-me em tuas negras azas, dá-me ou a cicuta de Socrates, ou o punhal de Brutus. *(Contemplando-a.)* Amo-te, estatua. *(Tentando oscular-a.)*

ORGIA *(repellindo-o.)*

Para traz, louco! *(Indica-lhe o sol.)* Vês? Desce além o sol, é ja tarde, muito tarde. Foi prematura a tua mo-

cidade. Estás gasto, já não posso pertencer-te. Busca outra amante á quem distribúas tuas moruas caricias. Adeos.

POETA.

Mas se eu quero-te...

ORGIA.

E' tarde, louco! (*Desapparece.*)

Scena 5^a

POETA E TEMPO.

POETA.

Bem curta é a vida do poeta! Vejo as flôres de minha alma desfolharem-se uma a uma, suas petalas dispersarem-se ao vendaval do infortunio, seus calices myrrharem-se ao sol crestador da realidade e seus pedunculos vergarem ao pezo enorme da fatalidade. Tântalo não devia ter soffrido assim. Já não ha para mim uma só crença; tenho o desanimo por eterno guia na vida, que é para mim como uma longa noute de insomniã, ouço a nenia que entôa a briza nos cyprestes, o tanger melancolico do sino de longinqua ermida... Sim, comprehendo, é o tumulto que me attrahe...

TEMPO.

Não, não morrerás ainda... Aquelle, que como tu vive pelo coração, soffre e aniquilla-se com a propria pequenez de seus anhellos; o que, porém, escuta á razão e lembra-se da patria, eterniza-se. Dize-me, pensaste já algum dia na patria?

POETA.

Não sei... talvez. Porém agora sinto um vazio em minha alma, que deve ser occupado por ella.

TEMPO.

Pois é tempo de acordar do somno chimerico. (*Ouvem-se ao longe os sons da Marselheza.*) Ouves?

POETA.

(*Pauza.*) Que sensação estranha é esta que agora experimento? E' uma alegria intima, que se não exprime, que se não manifesta. Sinto uma catadupa de pensamentos desnorteados... como que vejo além um immenso incendio, chispas de fogo sóbem até ao firmamento... o anjo da Gloria, que sorri e me acena... Quizera ouvir bem perto essa muzica marcial, o troar dos canhões, o rufar dos tambores e finalmente confundir o meu sangue com o dos

meus irmãos. Precizo, precizo de tuas azas, onde estaes, Liberdade?

QUADRO III.

Scena 6ª

POETA, TEMPO E LIBERDADE.

LIBERDADE.

Aqui.

POETA.

Tu?

LIBERDADE.

Sim, eu, o direito do opprimido, que entregou a Brutus o punhal ensanguentado pelo coração de Lucrecia e disse-lhe: Fecha com elle as portas de Roma aos Tarquinius.... Eu sou aquella verdade partida dos labios do Redemptor, quando dizia á humanidade: Todos vós sois iguaes, todos vós sois irmãos.... Odeia-me a tyrannia, mas idolátra-me o povo.

POETA.

Foste tu que mandaste Cromwell decapitar Carlos I?

LIBERDADE.

Sim, tambem ha um seçulo que aproximei-me ao leito de Washington, inspirei-lhe um pensamento, e no dia seguinte por toda parte soava meu grito.

POETA.

Era...

LIBERDADE.

Independencia! Fiz mais ainda, inspirei ao philozopho suisso o *Contracto Social* e poucos annos apoz, assistia com os francezes a tectrica execução de Antonietta. Sou a filha do desespero e a guia do tumulto; ordeno o incendio aos petroleiros; aranco o brado de indignação á plebe, e no meio da vozeria infrene, appareço para erguer o braço da guilhotina e prezidir impassivel ás hecatombes humanas.

(Continúa.)

Esboço biographico.

Tenente General Victorino José Carneiro Monteiro.

(*Barão de São Borja.*)

III.

Em Dezembro de 1864, achando-se organizado o exercito brasileiro, em Pirahy, sob as ordens do intrépido Marechal João Propicio Menna Barreto, posteriormente Barão de São Gabriel, marchou e transpoz a fronteira do Estado Oriental do Uruguay.

Não é, agora, nosso propozito investigar as cauzas, que motivarão e derão em resultado essa invazão, que foi o prólogo do assombroso drama de sangue, que terminou seis annos depois nas inaccessiveis asperezas de Acurras, junto a Aquidabam, com a quazi extincção de uma nacionalidade e a morte do barbaro despota, que a sacrificára em holocausto á seu cruel orgulho.

A alliança do Imperio com o caudilho oriental para derribar o governo d'Aguirre, a sua intervenção sob o pretexto de garantir a vida e a propriedade dos brasileiros rezidentes n'aquella Republica e expostos ao vandalismo d'aquelle tyranno e seus sequazes, mas realmente sob esses motivos patrocinando interesses particulares, quando aquelle paiz se achava conflagrado pela guerra civil, e a revolução triumphava, foi quiçá imprudente, impolitica e condemnavel

Assim essa guerra, que deveria algum tempo depois estremecer a fibra patriotica de todo o Imperio, que arbatava no phrenezi do enthusiasmo a todos os brasileiros

que voluntariamente e por milhares accudião aos campos de batalha, foi em seu começo desastrada e impopular

E' que então o pavilhão auri-verde fôra insultado! Depois de arrastado pelas ruas, aspergirão-no com o sangue de indefezos brasileiros, cuspirão sobre elle as mais torpes infamias, e os brios da nação exigião a sua cabal e plena desaffronta.

Não é, porém, nosso propozito. repetimos, julgar das cauzas que motivarão essa guerra. Este curto parenthesis, que abrimos, tem apenas por escôpo destacar na vida do illustre guerreiro, cuja biographia tentamos esboçar, uma outra e nova phaze: — aquella em que se não exige sómente a bravura do soldado, mas o heroismo e a prudencia, o tino e a pericia do General, sob cujas ordens tão brilhantes e gloriosos feitos registrarão os annaes d'essa guerra para as armas brasileiras.

Ouçamos ainda a palavra official, ella se incumbirá, em sua imparcial e lacónica narração, em sua eloquente singeleza de enumerar os actos, que glorificarão a vida do imperterrito Barão de São Borja.

„Nomeado commandante da 1ª brigada, marchou com o exercito daquelle acampamento*) e com elle transpoz a fronteira para a Republica Oriental do Uruguay ao 1º de Dezembro, e em 31 d'esse mez, 1º e 2 de Janeiro de 1865 assistio ao combate contra as fortificações de Paysandú, commandando a força de cavallaria, que fazia a defeza externa da cidade, pela parte do norte para o oeste, sendo elogiado pelo zelo, dedicação e actividade com que se portou.

„Fez o sitio de Montevidéo, e n'este permaneceu até 20 de Fevereiro, data em que capitularão as forças, que a defendião.

„Por decreto de 18 desse mez foi nomeado Dignatario da Ordem da Roza em remuneração dos serviços militares prestados n'aquelle combate.

„De Montevidéo marchou com as forças de cavallaria para a Villa de Santa Luzia e d'alli para a costa do arroio Dayman, em Abril, onde passou a commandar a 6ª brigada.

„Por decreto nº 3468 de 8 de Maio, foi condecorado com a medalha concedida ao exercito, que fez a campanha do Uruguay n'esse anno.

*) Pyrahy-grande.

„Em 24 de Junho transpoz o rio Uruguay para a provincia de Entre Rios, na Confederação Argentina, acampando junto á Villa da Concordia. D'esse ponto, tendo-se organizado o exercito de operações contra o governo do Paraguay, com elle marchou em direcção á essa Republica. Chegando á villa de Mercêdes, em Corrientes, foi em Outubro mandado pelo commando em chefe, acompanhado de um piquete de cavallaria, buscar e reunir ao exercito uma força de cavallaria e infantaria, que se achava na margem direita do Uruguay, ao mando do Coronel Alexandre Gomes de Argollo Ferrão, e, voltando com ella, encorporou-se ao exercito em 8 de Dezembro, junto ao Riachuelo, sendo por esse motivo elogiado em ordem do dia do quartel general do commando em chefe, sob nº 110, de 20 do mesmo mez e citado anno de 1865, pela maneira seguinte: — „Saptisfeito do modo activo, zelozo e intelligente, pelo qual o Sr. Coronel Victorino José Carneiro Monteiro desempenhou a commissão, que lhe foi confiada, de reunir e conduzir a este exercito os differentes contingentes de força, que por ordem do Ex^{mo} Sr. Ministro da Guerra devião vir da Uruguayana, reconheço e louvo tão importante serviço.

„Foi nomeado commandante da 6^a divizão de infantaria pela ordem do dia do quartel general do commando em chefe, sob nº 115 de 6 de Janeiro de 1866; e por decreto de 22 do mesmo mez promovido a Brigadeiro.

„Transpoz o rio Paraná para a Republica do Paraguay a 17 de Abril, e assistio ao combate de 2 de Maio no Estero Bellaco, sendo por esse motivo elogiado na ordem do dia do quartel general do commando em chefe, nº 153, pela maneira seguinte: „Apreciando devidamente a energia com que avançou com a sua divizão o Ex^{mo} Sr. Brigadeiro Victorino José Carneiro Monteiro, e a pericia que desenvolveo na distribuição de seus batalhões para repellir e perseguir o inimigo, o louvo e agradeço-lhe tão relevante serviço.“

„A' 20 d'esse mesmo mez, achando-se com a divizão de seu commando reforçando o exercito alliado da vanguarda, forçou as fortificações inimigas do Estero Bellaco, fazendo alto em Tuyuty diante das de Rojas. N'esse lugar assistio á batalha de 24, sendo por esse motivo elogiado na ordem do dia do quartel general do commando em chefe sob nº 156 de 28, tudo do referido mez de Maio, pela coragem com que se portou e pericia que desenvolveo na

distribuição das forças de sua divizão, que com o 1º regimento de artilharia a cavallo e uma bateria do 3º batalhão da mesma arma sustentarão o centro da linha de batalha, rechaçando o inimigo; pelo que também foi louvado pelo General Dom Venancio Flores, commandante em chefe do exercito alliado da vanguarda, na parte que dêo em 25 do mesmo mez ao commandante em chefe do exercito brasileiro.

„Assistio com parte da divizão de seu commando ao combate de 18 de Julho nas mattas do Potreiro Pires, onde foi gravemente ferido; sendo elogiado pelo commando em chefe do exercito, em ordem do dia do mesmo commando, sob nº 3 de 24 do dito mez, pelo denôdo com que combateo e bem dirigio as forças sob seu commando.

„Em consequencia d'esse ferimento seguio, em 30 do mesmo mez, para esta provincia para tratar-se.

„Por decreto de 20 de Agosto foi nomeado Official da Imperial Ordem do Cruzeiro pelos serviços militares prestados nos combates de 16 e 18 de Abril, 2 e 24 de Maio.

„Achando-se ainda na provincia, quando se organizava o 3º corpo de exercito ao mando do Ex^{mo} Sr. General Marquez do Herval, a elle se apresentou em 9 de Abril de 1867, e transpondo o rio Uruguay, na mesma data, assumio o commando da 1ª divizão do mesmo exercito, com o qual transpoz o Paraná para a Republica do Paraguay e reunio-se ao grande exercito alliado em Tuyuty, passando então a commandar a 5ª divizão de cavallaria.

„Commandando esta divizão, combateo em 21 de Outubro, em Tatagibá, no flanco direito das fortificações de Humaytá, sendo elogiado na ordem do dia do quartel general do commando em chefe, nº 144 de 25 do dito mez, pela pericia com que se houve e cabal desempenho das ordens que recebeo, tendo tido occazião de, por mais uma vez, patentear sua já experimentada bravura e denôdo.

„Por decreto de 14 de Dezembro foi promovido a Marechal de Campo.

„Em virtude de ordem do commando em chefe, de 27 do mesmo mez, assumio o commando do 1º corpo do exercito, que se achava em Tagy e margem esquerda do rio Inhambucú, fazendo a vanguarda do grande exercito. Por decreto de 11 de Abril foi nomeado grande Dignatario da Ordem da Roza pelos serviços militares prestados no combate de 21 de Outubro do anno antecedente. Deixou o

commando do 1º corpo do exercito, em 16 de Agosto, em consequencia da licença que obteve para vir ao Brazil a fim de tratar-se de molestias adquiridas em campanha e que necessitavão de longo tratamento.

„Por decreto de 20 de Fevereiro de 1869 foi condecorado com a medalha de *Merito Militar* em attenção aos actos de bravura praticados em diversos combates.

„Apresentou-se, voltando d'esta provincia, ao Sr. principe marechal e commandante em chefe do exercito em Pirajú na republica do Paraguay, a 25 de Junho, sendo a 29 desse mesmo mez nomeado Chefe d'Estado Maior do 1º corpo do exercito.

„Foi nomeado para commandar interinamente o 2º corpo de exercito em 7 de Agosto, e commandante effectivo do mesmo corpo de exercito em 19 de Setembro. Pela ordem do dia nº 35 de 31 de Outubro mandou Sua Alteza declarar o seguinte: „A nomeação do Ex^{mo} Sr. Marechal Victorino José Carneiro Monteiro para commandante effectivo do 2º corpo de exercito, em 19 de Setembro findo, foi em attenção á distincção e energia com que S. Exc^a guiára o mesmo corpo de exercito desde 7 de Agosto entre as fadigas e privações com notavel proveito para a cauza nacional.“

„Foi tambem comprehendido no elogio mandado fazer pelo Imperador em avizo do Ministerio da Guerra de 6 de Outubro, aos generaes, officiaes e praças que combaterão em 12 de Agosto contra as fortificações de Peribebuly, em 16 do mesmo mez na batalha do Campo Grande, e em outras datas e lugares durante o referido mez de Agosto.

„No começo de sua ordem do dia nº 37 de 14 de Novembro diz S. A. o Principe, commandante em chefe do exercito, o seguinte: „Cumpro um dever fazendo especial menção dos Ex^{mos} Snrs. Tenente General Visconde do Herval, Marechal de Campo Victorino José Carneiro Monteiro e Brigadeiro José Luiz Menna Barreto, os quaes, como commandantes de corpos do exercito, pelo seu valor, actividade e pericia mais poderosamente concorrerão para os resultados conquistados; e proseguindo, tratando do combate de Peribebuly, diz na mesma ordem do dia: „No centro o Ex^{mo} Sr. Marechal de Campo Victorino José Carneiro Monteiro com a intrepidez, que ha muito o distingue, não se limitou a simular um ataque, mas carregou com a força, que se achava ás suas immediatas ordens sobre o lado da

trincheira, que lhe ficava em frente, e por onde os defensores da praça procuravam evadir-se.

„Tratando da batalha de 16 diz ainda Sua Alteza: „O Sr. Marechal de Campo Victorino José Carneiro Monteiro com o corpo do exercito de seu commando executava o movimento conveniente com uma promptidão, pela qual lhe cabem os mais subidos louvores, pois d'ella dependeo em grande parte o completo destroço, que no dia 16 as armas brasileiras inflingirão ao grosso do exercito do dictator fugitivo“: e sobre o combate de 18 do mesmo mez nos desfiladeiros de Caraguatahy diz ainda o principe: „O Sr. Marechal Victorino José Carneiro Monteiro ainda n'este dia dêo-me provas de sua energia, tino militar e incançavel dedicação que tanto o distinguem, desempenhando do modo mais prompto e completo a commissão que eu lhe confára.“

„Em 25 de Novembro, tendo o exercito tomado nova organização, passou a commandar as forças em operações ao norte do rio Manduvirá. Por decreto de 4 de Dezembro do supracitado anno de 1869 foi nomeado Comendador da Ordem de São Bento de Aviz em attenção aos serviços militares prestados.

„Na ordem do dia do quartel general do commando em chefe n^o 45 de 15 de Março de 1870 diz S. A. o Principe o seguinte, tratando da ultima e final derrota do exercito paraguay: „Se, porém, fosse licito repartir com outros a gloria que pertence aos triumphadores de Serro Corá, a maior parte deveria depois d'elles caber ao Ex^{mo} Sr. Marechal de Campo Victorino José Carneiro Monteiro, commandante das forças ao norte do rio Manduvirá, á cujo zêlo pelo serviço e incansavel previdencia se deve terem aquellas forças podido desempenhar a custosa tarefa, sem que por momentos lhes faltassem o sustento e os meios imprescindiveis de mobilidade.“

„Por Avizo do ministro da guerra de 19 do mesmo mez, foi nomeado para substituir a S. A. o Sr. Principe, que se retirava para o Brazil, no commando em chefe do exercito, porém não pôde isso realizar-se, porque já em 14 do mesmo mez tinha obtido licença para recolher-se ao Imperio, á fim de tratar de sua saúde.

„Por decreto de 18 de Maio foi agraciado com o titulo de Barão de São Borja, em attenção aos relevantes

serviços prestados na guerra do Paraguay, e por outro de 6 de Agosto condecorado com a medalha geral da campanha do Paraguay, com o passador de ouro, tendo este o numero quatro.

„A' 6 de Setembro de 1870 foi nomeado commandante das armas da provincia de Pernambuco, em cujo exercicio entrou em 1º de Outubro. Por decreto d'essa mesma data foi nomeado Dignatario da Imperial Ordem do Cruzeiro, em attenção aos serviços militares prestados na guerra do Paraguay e por outro decreto de 22 do mesmo mez foi agraciado com a mercê do fôro de Fidalgo Cavalleiro da Caza Imperial.

„Por decreto de 18 de Fevereiro de 1871 foi exonerado do commando das armas da provincia de Pernambuco e por outro da mesma data nomeado para o mesmo lugar na provincia do Rio Grande do Sul.

„Chegando á esta provincia em 14 de Abril, assumio a 15 o exercicio d'esse lugar, como fez publico em sua ordem do dia sob nº 1, da mesma data.“

Aqui termina a fé de officio, que temos em nosso poder, e, salvo sua promoção ao posto de Tenente General, pôde tambem dizer-se que terminou sua carreira militar.

(Continúa.)

Bernardino dos Santos.

Epistolas campinas.

I.

Para distrahir-me ao tédio, apoz a sésta,
Pretendia em guapo *pingo* dar um *gyro*
Pelos campos de minha alegre patria,
Quando por meu espirito — travessa,
Uma idéa passou, e tão teimoza,
Como languida lagrima de rapé
Na ventarra de um frade cachaçudo.
E o que havia de ser?

Qual essa idéa?

A de ir ao *Lageado*, de vizita,
A' caza de um senhor estancieiro
Assaz *remediado* em trens e gados.
Além de umas lavouras de feijão,
De milho, e mandioca, e pouco mais;
Porque o trigo, o centeio, arroz, batatas,
E tudo, que depende da cultura
Deste solo feraz, a que se adaptão,
Não fazem siquer *móssa*, nem int'ressão
A' nossos indolentissimos patricios
Nem mesmo a epizootia e o carrapato,
Que a criação dizima, e vae mostrando
Quão pouco é solida a pastoril fortuna,
Não os convence acazo, que já é tempo
De trocar pelo arado o laço e as bolas.
O boi! o boi! o boi! eis o seu sonho,
A sua aspiração, futuro e idolo!

E nada mais lhe importa. Gozos, commodos,
 Permutão pelo boi — e corre o mundo . . .
 Felizmente são sóbrios . . . Não exigem
Lá cousas de maior, os bons philozophos.
 Vem da Hollanda a manteiga, e o *criador*
 Não lhe sente o bafio, nem a dezeja . . .
 N'um londrino siquer não mette o dente!
 Quanto ao preço — tambem se não abala
 Que baixe ou suba na oscillação do cambio.
 Leite? . . . tem-n'ó a fartar no ubre sadío
 De suas vaccas tourinas e *tambciras*.

Fui, de facto, e encontrei em raza meza
 Da sedija cangica uma sopeira,
 D'onde em bojuda colher passava aos pratos
 C'uma *guampa* de leite á cada hospede.
 Varões, raparigotas, creancinhas,
 Cada qual mais taful na singeleza,
 Ahi se achavão, graves, quaes beatas
 Em uma procissão de farricôcos.
 Os homens não fallavão, e trazião
 Cousas diversas por de traz da orelha.
 Uns ahi tinhão palitos, outros cigarros.
 Este tinha uma palha já *sovada*,
 Aquelle um ramilhete de alecrim,
 Ou de mangericão ou trevo um ramo.
 De lenço na cabeça, um, parecia
 Soffrer de *máo olhado* (se permitem-me,
 Que á eu couza dê o nome, que ella tem).
 Outro com medo — que a colher fugisse,
 Arredado da meza braça e meia
 Ou trinta e trez decimetros francezes,
 Descançava-a nas calças de riscado;
 Um outro, enfim, para agradar da caza
 A *siá dona* e mais a *siá doninha*,
 Affagava um cazal da *obrigação*,
 Que ao pescoço do nosso patriarcha
 Impendia de um e de outro lado
 Como dous *pessuelos*, que a *garupa*
 Do viajante *escoteiro* é uzual vêr-se.
 Além, uma *yáyá* — ultimo fructo
 Do venerando par e seu orgulho,

Associava um cão nédio e felpudo
Ao prato do *decomer*, trocando beijos
De seus labios de roza, bezuntados
De guizado e carvão, terra e gordura.
Era um anjo de pernas volumozas,
Direitas, torneadas e sanguineas,
Que no meio da caza acocorada
Promettia um futuro tentador,
A' quem fosse render, annos mais tarde,
O amoravel cão — *Caramurú*.
Os hospedes calcavão grandes botas
De couro de veado, ou de garrão,
De maiores *chilénas* adornadas.
O velho, dirigindo-se ao terreiro,
Onde co'a agua, que d'um porongo despejava
Um retinto creoulo, as mãos lavava.
Voltando-se á *porteira* do curral
Dava as ordens precisas aos peães
Sobre a *manada* recém *entabolada*,
Ou sobre o rude affã da marcação.
Boleia aquelle pôtro, estira o laço;
Aparta o *xurriado*; olha, não *quêbres*
O potrilho do *Zéca* . . . e, voltando-se
Para as filhas, que ali tambem se achavão:
— Então vocês, não off'recem nada á gente?
Não vem um *ximarrão*, com mil *pialos*?!
Erão as raparigas *soquetudas*,
Como se diz em gyria cá dos *pagos*,
Coradas como um pecego maduro,
De amplas fórmas e rija consistencia.
Espaduas e quadris proporcionados,
Peito arqueado e largo, onde a hematoze
Se opera co'a maior facilidade.
Salta o sangue da face rubicunda
— Plena lua tostada dos mormaços,
Sem vir envolta nos baços neveiros
De *barcellona*, *carmim* ou pó de arroz.
Mulheres da *Escriptura*, sem postigos,
De mais carne e mais sangue do que ossos.
Pena é que dos hombros conformados
Os dous roliços braços se pendurem
Uniformes n'um X sobre a cintura;

Que os labios de romã só se descerrem
 Desferindo um *arisco* monosyllabo.
 De tamancos de ourella, e o pé desnudo,
 Rochunchudo e talvez um tanto grande,
 Mostrão a solidez do edificio.
 Por adorno ellas trazem arrecadas,
 Ou rozetas de pedra e filagranna,
 Alguns anneis, rectifico: uns argolões
 De ouro, cinzelados, com esmaltes
 Fingindo corações entrelaçados,
 Mãos dadas e os hyperbolicos letreiros:
 — *Amizade, Constancia, Amor, Firmeza,*
Sympathia, Saudades e Lembrança,
 E mil outras asneiras d'esta ordem
 E quazi todos presentes dos priminhos . . .
 Do Jóca, do Manéco, do Janguta,
 Do Sinhô, e de outros, cujos nomes
 Por descuido do Papa, ou do Læmmert
 Tem deixado de vir nos Almanacks.
 De uma dellas, p'ra mim, a mais chibante,
 As orelhas esticava o grande pezo
 De uns brincos de argola, que luzião
 Sobre o vivo escarlate do lencinho,
 Que em geometricas dóbras occultava
 Entre zêlo e orgulho o undozo seio,
 Que mal cobre o decôte do vestido,
 Que das ultimas modas é rival . . .
 O sol do descampado . . . — Oh! sol damnado!
 Queimou-lhe com o coral do rosto, o jaspe,
 Amorenando a seda que o sombrêa
 E assim o collo e rosto a côr differem
 Como n'um *mappa mundi* a terra da agua.
 E era um mar de jasmims, aquelle collo,
 Batendo ondas na plaga purpurina
 De seu tradicional lenço de seda!
 E p'ra cúmulo de *tanta poesia*
 Do pescoço em cordão de antigo ouro
 Pendia um relicario — acompanhado
 De um dente e de um caroço d'azeitona,
 Signaes de fé e paz . . . Trazia mais
 Um *sino salomão*, e uma mãozinha,
 Feixada como um *box* de John Bull,

Que segundo a superstição de seus interpretes
 E' a *figa* — que repelle as tentações
 Do *cão sujo*, que Milton chamou Lúcifer.
 Era ruiva... — e cahio-me cá no gôtto —
 Esse typo de magica sybilla,
 Seduzio-me, sorrindo ingenuamente.
 Devia haver muito amor n'aquella alma,
 Que nos innocentes symb'los transluzia...
 No regaço das roupas esquecido,
 Como se propozital fosse entreaberto,
 Um branco lenço de bordado artistico
 Mostrava em letras rubras um versinho.
 Curiozo, por vê-lo, ia eu pedir-lho,
 Quando tive a lembrança de poupar-me
 Ao meu proprio vexame e ao seu enleio;
 Se lesse alguma asneira, rir-me-ia;
 E esse rizo — entre netos de Paulistas —
 Quem sabe o que seria?...

Ella estimára

Por certo ver o apreço, que eu ligava
 A' obra de seus dedos; pois em regra
 São vaidozas de si n'estes assumptos.
 Mas eu, que tanta couza tenho lido
 De ridiculos themas nesses trastes,
 D'esse impeto salvei a alma guloza.

Entretanto, de largo, contemplando
 A sucia dos vorazes comedores,
 Que me deitavão, lá de vez em quando,
 Um olhar de revez, como consulta
 Do que eu pensava delles;—fui fazendo
 O que via fazer; cruzando a perna,
 E atirando o cabello para traz
 Co'a mão aberta remedando um pente;
 Apenas não podia como elles
 Na cerda escassa demorar os dedos.
 Acendi meu charuto e com vergonha
 Por nada mais dizerem-me além disso,
 Que expressado já fica, e perguntarem
 De onde vinha, e se havia eu encontrado
 Por acazo na estrada o *Quinca torto*,
Variadô da cambra, Juiz de Paz

E tambem *Sobredelgado* no districto,
 Que levava uma tropa p'ra *tablada* . . .
 Disfarcei, como pude, o exterilismo
 Da loquella fatal que possuia,
 E escavando noticias carunchozas,
 E outros mil disparates, que o acazo
 Me trazia á memoria, reparei
 Que a não ter eu chegado á uma tal hora
 Essas moças, que ali mudas me ouvião,
 Estarião, talvez, por traz das portas
 Espiando-me, e, apenas de relance,
 Atravez dellas passarião rapidas,
 Quaes meteoros de errante trajetoria,
 Occupadas n'algun d'esses trabalhos,
 Que a familia dos campos não delega,
 E se chama entre nós — couza nenhuma.

Não tendo a minha voz o rastejado
 Favorito do *Guasca*, e em que a palavra
 Se arrasta descangada e retumbante
 Como o ranger da amarra, que o marujo
 Recolhe no convez junto daquillo,
 Que em nautica se chama cabrestante,
 Me arrisquei a fallar da actualidade
 Politica. — Na roça, assumpto grave,
 De interesse maior do que o plantio
 Do milho e do feijão . . . e o qual predeo
 A attenção da ruivinha e despertou
 Os ciumes de alguém, que já picado
 D'aquelle quer que seja — que o matuto
 Como nós tambem sente e não se explica,
 Fazendo-o *atravessar-me* com seus olhos
 E encrespar o bigode arripiado.
 Não liguei attenção a esse epizodio,
 Que pouco me importava, pois suppunha
 Que eu devia dizer alguma couza . . .
 E se havia de ser com velhota,
 Tão gorda como o papo de uma rã
 A coachar saudades pela chuva,
 Entendi ser melhor deixar minh'alma
 Expansiva embeber-se nas ramagens
 D'aquelle céu bordado em flôres roxas,
 Que o vestido da moça apresentava.

Pouco depois da minha entrada e vindo
Da *ramada*, em que atára o seu cavallo
Pelo *cabresto*, apoz tel-o *maneado*,
Assomou entre os sons de umas rozetas
Das enormes *chilenas*, que arrastadas,
Ião deixando pelo chão rastrilhos
De uma linha infinita de pontinhos,
Semelhando o traçado mixtilíneo
De uma tira de cifra telegraphica
E saudando da caza os moradores,
Que o fizerão entrar e se assentar,
O velho *Zé Farrapo* entrou na sala;
E botando o chapéo e o que elles chamão
Arreizador, com cabo *retovado*
Do cerne da formosa guajuvira,
Tudo embaixo do banco (por modestia)
Respondeo á pergunta: „De onde vem?“
Dizendo com a falla preguiçosa
Que vinha do *Rincão das Abestruz*,
Onde fôra *campear* uns animaes;
E recebendo um matte, e outro e outro,
Até que da chaleira a agua findou
Chupada em *chimarrões* pela bombilha.
Depois de mais alguns — *disques* — e couzas,
Dirigindo-se á um velho que julgára,
Com razão, ser o dono da fazenda,
Disse, puchando de um facão, que tinha
Sob o poncho de panno, e que na falta
Do *muchacho*, que uzão nas carretas,
Para amparar o *recavem* servia,
Para limpar os dentes, ou mesmo para
Cortar as unhas e comer *churrasco*,
Ou tirar o *tentinho* de uma *lonca*.
„Indas que mal pergunte, *vauncê* diga-me,
„Se é o dono da caza“

Eu assustei-me

Pensando que o tal homem, pelos modos,
Ia matar o pobre estancieiro.
Enganei-me, porém, porque elle apenas
Arregaçando o poncho sobre o hombro
E riscando no chão co'a adaga a marca
De uma rez, que dizia haver perdido,

Na invernada dos Pés de Timbaúva,
Disse ao velho:

„Se *acauso vassuncê*
„Encontrar esse boi, que é *jaguané*,
„E que foi do compadre *Chico Frusa*,
„Sendo contramarcado logo acima
„Da *picanha*, me mande por um home
„Repontar para mim, e atal-o bem
„Nos moirões do curral ou na tronqueira,
„Que logo, ou amanhã, que é terça-feira,
„Ao *despois* que vier da *voltuada*,
„Que ando fazendo aqui pelos vizinhos,
„Hei de dar um galope a vir buscal-o.
„Estou com *meia pressa d'esta feita*
— Mas porém . . . Ia o velho já dizendo —
„E logo, por conseguinte, me perdôe
„Que eu não denore mais; com que
„Faça-me este favor e assim *no mais*
„Seja até outra vista . . . “

E o velho dando-lhe
Outra vez novo matte, que *ensilhára*
Com mais herva, lhe disse:

„Mas porém
Leve mais este, amigo, p'ra o estribo.“ —
E aceitando essa offerta, distraído
Inda. uma vez, e outra, e outra, e outra
O *redomão* na cuia ficou manso.
E o homem repetindo a despedida,
E montando á cavallo *cerrou pernas*,
Obrigando o animal pela pressão
Da cincha, que os arreios lhe apertava,
A atirar aos ouvidos certas notas,
Que á decencia nos manda não dizer
E entre quatro *corcóvos*, que engraçavão
A cola erguida, de trancinhas cheia,
E de artisticos nós, sahio *chispeando*
E depressa sumio-se na *canhada*.

„Moço guapo!“ disserão as moçoilas
Espichando o pescoço para vêr
O maduro *Monarcha das Cochilhas*,
Que á galope agarrou no chão e ergueo

Certa couza que vira, e que deitado
Do animal sobre o fio do curvo lombo
Era capaz de atravessar a nado
Do Amazonas a propria embocadura.

Com razão tinha eu já de abelhudice
Prevenido a sciencia campezina
Sobre o *bene dicendo*, que é preciso
Praticar para entrar por essas cazas.
Em dia, pois, co'as fórmulas communs,
Que dão ás saudações por esses *pagos*,
Eu fui senhor de mim pizando n'elles.
Como quem tem sciencia dos segredos,
Que a convenção dos uzos tem creado
Entre os bizonhos, rusticos patricios,
Que por essas campanhas vão vivendo
Sem ter mais que fazer, senão ás vezes
Ir *parar seu rodeio*, ou ver um boi
Que ficou no *banhado* atoladiço,
E mais outros serviços, que os impede
De pôr filhos na escola, pois de todos
Se precisa; e no tempo de eleições,
Sem saber o que fazem, em *tropilhas*
Levantando da estrada a polvadeira
Vão ás urnas levar o voto insciente,
Somentes para servir o *seo Crónel*,
Que commanda a fronteira, e em sua estancia
Tem peães, e posteiros, e aggregados,
Que formão só por si grande maioria
Na pelêa, na igreja, em qualquer parte,
Onde seu chefe carecer pareça
De seus braços, facões, ou bons serviços.
E' assim que estes *gaúchos* sympathizão
Com a idéa politica, e semelhão
Tribu, que segue de um cacique a sorte.
Quem quizer d'elles tem tudo na vida,
Menos o voto, sem pedir áquelle
Que faz de cada stirpe um regimento,
Ao qual equipa e farda á sua custa,
Para ir dar na parochia o seu votinho.
A's vezes dá-se o cazo, que esta gente,
Filha da confiança e patrocínio

Tendo falta de carne, se envergonha
De a pedir a seu amo, ou seu patrão,
Como diz o caixeiro portuguez,
E nós tambem, que tão mesclados vamos. . . .
E ao qual amo talvez já devão muito,
Deos sabe que favores e dinheiro. . . .
Vão da sesmaria nas divizas
Procurar gado alheio, ou pertencente
Ao primeiro vizinho, e o carneião
Sem dar satisfações; e assim vivendo
A paz alterão, que entre heréos amigos
Já meio extremecida parecia;
E tranquillos vão indo até que um dia
Acuzados do crime de abigeato
Da noute para o dia se evaporão,
E vão, de trens ás costas, procurar
Outro patrão, que lhes conceda abrigo. . . .
E a lei fica burlada e a justiça,
Diplomata toupeira, conduzida
Pela mão dos Cujacios arengueiros,
De boca aberta os vê correr impunes
Com a lei da „Reforma Judiciaria“
Espantalho immoral da actualidade
Engarupada na izenção pessoal.
Digo immoral, porque, se abuzo havia
Em deter-se o innocente, era culpada
A propria autoridade, ou tode aquelle
Que a denuncia levasse em reservado.
Porque se a lei forçasse a quem dêo cauza
Nesse atropello do direito, — a dar
Plena satisfação do mal cauzado,
Sendo effectiva a punição do agente,
Que a popular autonomia investe
Com o poder de mostrar que a sociedade
Tem força repressiva no seu seio;
Não se tornando em burla esse capitulo
Que o codigo apontou aos funcionarios;
Nenhum perigo havia em que um só homem
Fosse privado do trabalho, ou livres
Regalias, que dá-lhe o grande pacto;
Sendo aliás sophisma — só prendel-o,
Quando seja encontrado no delicto,

Porque é dar-lhe menagem e escapúla
Contra a jurisprudencia e o bem geral;
Tal como se mandasse a lei pôr ferros
A um indiciado em crime grave,
Sómente pelo facto de temer-se
Que a fuga da prizão — por mal segura,
O pozesse á coberto da sentença.

Ou fação bem ao *criador* em regra,
Comprimindo essa valvula fatal,
Ou não fação da lei a pantomima
De um artigo que destróe ao outro.

E' grande a protecção, que ao estancieiro
Dêo a lei, que castiga por si propria
O roubador de gados, pondo agora
Na forte garantia do seguro
A indolente policia, que entre si,
Em bem de suas pçsses e socêgo
Elles mesmos devião activar.

Entretanto que o pobre *bolicheiro*
Paga impostos até de um pão, que vende,
O rico estancieiro passa os annos
Sem pagar um ceutil para o thezouro
E não só faz mercado em grosso trato
Como vende a retalho e não despende
Seu grande capital, armazenando
A factura por lotes de *invernadas*;
Nem gasta em armações, tarifas, rubricas
De borradores, diarios e quejandas
Miudezas, que pezão ao commercio;
Ao passo que — no cazo figurado
Do furto de uma rez nos seus terrenos,
Em vez de auxiliarem o trabalho
Do ministerio publico, se amoitão,
Ou arredão até dos tribunaes
O melhor testemunho para a prova.
Não querem *mal-fazer* (fazendo o bem)
E' a logica lá, que elles entendem
E em vez de dar a mão á autoridade,
Ou á victima do tórpe latrocinio,

Perseguindo taes lobos petulantes,
Deixão correr as cauzas ex-officio
Por conta da justiça — magra sempre,
Que não paga transporte, e do escrivão,
Que engole as custas no final da festa;
E se conta não dão do delinquente
Que tanto mal ás criações produz,
Emprestão-lhe o cavallo e dão-lhe fuga
Homiziando-o ás vezes com escandalo,
Bem como lá na Arabia, diz a historia,
Que se pratica até co'os inimigos.

O Rozeteiro.

Chronica musical.

Antes de entrar em materia cumpre-me agradecer á Redacção da *Revista* o convite honroso, que tive para escrever a *Chronica musical*.

Falto de todos os predicados, que constituem o critico, e — um critico musical — fiquei extremamente lisongeadado e agradecido especialmente ao Sr. Redactor-gerente por me ter pedido os meus pessimos trabalhos sobre a materia; quando, se fosse sua vontade, poderia ter artigos de tantas pennas criteriosas e abalizadas, producções de escriptores já conhecidos, competentissimos e com a illustração que em mim fallece.

Na verdade estou extremamente penhorado por tal favor de apreço e consideração, e aceito o lugar, que se me offerece, sentindo que não tenha todos os predicados para bem occupal-o.

Quero, porém, alguma couza.

Quero a liberdade de poder dizer — *sim*, — ou dizer *não*; ficando subentendido que, quando arrisco uma opinião, vem sempre tacitamente o *para mim, no meu modo de pensar*, ficando livre a qualquer achar óptimo o que eu acho pessimo, e *vice-versa*.

Quero ser inteiramente responsavel pelo que avanço, porque escrevo sempre depois de ter pensado uma e outra vez.

Se me apparecerem desaffectedos, o que não é provavel pelo modo por que hoje se escreve nos jornaes, eu saberei, por meios amigaveis e convincentes, provar-lhes, cazo não tenham razão, que *Melomano*, se não é, procura ser uma pessoa verdadeira e imparcial.

E' muito difficil decidir-se uma questão de gosto.

Em musica aquillo que desagrada a uns, agrada infinitamente a outros, e logo que agrada está bom, ainda que tenha saltado por todas as regras e offendido todas as escolas.

No entanto, eu procurarei desempenhar o meu papel o melhor que fôr possível; e por isso peço a indulgencia dos que esta lerem, o auxilio da Redacção e a condescendencia do Sr. Redactor-gerente, que merece de mim todo o reconhecimento e subida gratidão.

* * *

Tivemos no theatro *São Pedro* alguns concertos da violinista allemã Julia de Beltran, em quem se descobrio Julia Blechschmied, a regente da orchestra de senhoras de Vienna.

Não tenho certeza do facto, nem nos interessa agora tal couza; mas não julgo impossivel que D. Julia de Beltran regesse uma orchestra, porque parece-me que está no caso de fazel-o.

Depois de Robio e Paulo Julien, que não ouvi, mas de quem me contão as habilidades e perfeições, me parece que é a melhor violinista que aqui tem vindo.

Não ha muito tempo tivemos Martha Val, superior á Julia apenas na posição e gosto com que tocava. Era da escola franceza, onde a par das difficuldades, cultivava-se o sentimento e a expressão.

Mas na sabia e reformadora escola allemã a musica é severa, taciturna, grave, e tira a liberdade do executor, obrigando-o a não sahir de certo cadenciar plaugente.

Vem a pello fallar da musica classica, da musica que *não é para o publico*, como dizem os entendidos, e os que isso pretendem ser.

Eu acrescento: ainda não é para o publico de Porto Alegre, e vejo n'esse *não ser* uma grande razão para que a moda do classico se retarde um pouco.

Ouvi muita gente dizer, que nada tinha apreciado do tocado pela violinista por não entender aquella musica.

E é verdade: a musica classica é a melhor que ha, mas é para — musicos — ou amadores já muito iniciados n'aquellas sombrias peças pela continua audição d'aquelles accordes. E' preciso educar o povo com a musica italiana para que em primeiro lugar elle saiba o que é musica.

Depois então de bem entendido o principio, não custará muito o chegar-se ao fim, e ahi cada um de per si achará, advinhará as bellezas inherentes a cada escola.

Mas querer que a todos, sem prévia iniciação, agrade uma das symphonias de Beethoven, a mais complicada, é crueldade e dureza. Esse publico, que vae ao theatro para divertir-se, deve ficar horriavelmente massado por se ver enganado em sua expectativa.

Ainda um contra: Toda a peça classica tem, para o publico, dous defeitos grandes.

O primeiro — é ser muito longa, e o segundo — é tocar um thema e repetil-o indefinidamente.

Ora, as pessôas extranhas áquelles segredos não sabem que *se muda de tom*, e que tem quazi sempre lugar um magnifico effeito, que se chama *transição*; que a peça é comprida porque enquanto o autor tem tons á sua disposição, raras vezes deixa de aproveitá-los.

De tudo isto o que se segue?

O estribilho algumas vezes secco e peremptorio:

— Não gostei.

Outras vezes mais macio:

— Parece-me que toca bem, mas não me agradou.

Por isto tudo me parece prejudicial e digna de ser esquecida esta moda do classismo; principalmente por ora, enquanto o nosso publico gosta da *Norma*, *Trovador*, *Traviata* e outras, que tambem muito me deleitam.

Isa me esquecendo de outro inconveniente.

Quem entende um pouco do riscado, tem de ouvir religiozamente aquellas soporíferas maugações e depois muito cheio de si dizer que — achou muito bôa a peça, feliz a concepção, magnifico o instrumentado, — ainda que nada tenha entendido do que se tocou; senão é taxado de ignorante, falto de gosto... até se fica fazendo má opinião da pessôa, que abalançou-se a lançar uma pedra ao idolo.

Por isso não ha remedio: quando, ao ouvirmos certa musica classica, sentimos enjôo e nauseas, temos de dizer, com um anavel sorriso nos labios, justamente o contrario d'aquillo que pensamos. Todavia, repito, tudo nos seus termos.

* * *

Julia de Beltran tocou peças notabilissimas. Só essas bastão para dar-lhe os fóros de artista consummada.

Souvenir de Haydn, peça brilhante e difficulosissima, em que ella revelou verdadeiros dotes artisticos, o estudo, o gosto e a paciencia. Tem esta peça dous pontos capitaes: O *tremolo* e o *canto* acompanhado ao mesmo tempo pelo violino.

O *Sonho*, solo de Mendelssohn, peça de surprehendente effeito, tocada sempre em surdina e que até imita o bater das azas da borboleta, foi magnificamente desempenhada.

Para ella não tenho senão férvidos elogios e applauzos. O pedaço do *harpejo* e o canto com a quarta corda preza, são lindissimos.

O mais, que compoz os programmas, foi muito bom tambem.

O *quartetto* — *Serenata* — é lindo poraquella idéa do acompanhamento em *pizzicato*. Depois torna-se fatigante por ser longo.

O *concerto Ländler* é bom, excepção feita da quéda do arco, que não me pareceo lá muito proprio para a occasião.

Cabe aqui fazer menção de uma peça arranjada de motivos da opera *Martha*, em que o nosso patricio Lino Hermogeneo mostrou o gosto e execução, que possui.

Quanto á questão *Rosas, Julia, Walsas de C^{ha}*, acho melhor passar por alto, visto que aquillo não tinha razão de ser.

Aqui não é lugar proprio para elucidar taes discussões e é precizo muita falta de ouvido e conhecimento (no caso de não ser de memoria) para escrever n'um jornal, que a walsa *As Rozas* é a walsa *Julia* ou *vice-versa*.

No segundo concerto bem patente ficou a grande differença, que ha entre ellas.

* * *

Agora vou tratar dos dous concertos da sociedade *Philharmonica* nos dias 28 de Julho passado e 12 do corrente.

Ainda tenho nos ouvidos uma ou outra melodia, fugitiva recordação d'essas noutes.

Entre as peças, que forão executadas, occupão o primeiro lugar (attenção ao — *para mim*) o *Lago das fadas, Filho do Regimento, Os trez capitães, Serenata* de Braga, *Madre del sommo amore* — no primeiro concerto.

Foi uma bonita idéa aquelle arranjo da *Filha do Regimento* para piano e orchestra.

Pensei que tivesse de ser uma parte sacrificada á outra.

Com effeito, a orchestra o foi um pouco, mas com grande proveito do conjuncto, que esteve brilhante.

Agradou immensamente essa peça.

A abertura *Os trez capitães*, apesar de antiga, agrada sempre e é muito bem escripta.

A *Serenata*

O que hei de eu dizer d'ella? Como descrevel-a? Como analyzal-a?

E' escripta para canto, violino e piano, e manda seu autor que, se fôr possível, a parte de violino seja tocada em uma sala proxima d'aquella onde se canta; de modo, que apenas se ouça em surdina uma melodia pura, mavioza e angelica.

O verso é um dialogo entre mãe e filha, no qual esta ultima diz — que está ouvindo uma musica celeste e quer segui-la. A mãe pondera-lhe que é phantazia sua, que nada se ouve.

A filha replica. E' lindissimo esse pedaço :

*O mamma buona notte,
Io seguio il suon*

onde, depois de uma suspensão, o violino toca o *ritornello* da peça.

E o final d'ella, maviozo, languido, em *morendo* como é lindo, como é bem escripto!

Poucas peças tenho ouvido escriptas com tanto gosto, combinadas com tanta maestria, concebidas com tanta unidade de pensamento, e em que a musica traduz o que a palavra diz, e a palavra significa o que a musica chora.

Tenho ouvido esta peça por uma voz bem mavioza e bem insinuante, cantada com muito gosto e naturalidade; e ás vezes quero; como a moça de que trata a lenda, seguir aquelle som até . . . quem sabe onde . . . ?

Por isso foi para mim um verdadeiro prazer o ouvir a — *Serenata* — na *Philharmonica*, tocada e cantada da maneira por que o foi; isto é: interpretada por verdadeiros amadores, que estiverão dignos de todo o elogio.

Madre del sommo amore é tambem uma linda peça, simples e muito melodioza. Ahi pelo realce, que á execução dêo a voz sã e fresca do barytono, e pelo gosto com que cantarão as suas partes os sopranos, achei muito effeito, muita sonoridade.

E' uma musica tímida e para aquelles, que gostão de couzas myxticas e languidas.

Nada tem de retumbante ou ruídozo, nem floreios, nem ornamentos.

Do concerto de 12 tenho a notar as peças da orchestra, que agradarão muito.

Aroldo é uma linda phantazia e foi bem tocada.

O' mio Fernando, aria da *Favorita*, foi muito bem cantada. E' uma peça difficil e exige uma organização artistica.

Tomou parte n'este concerto a violinista Julia de Beltran, que tocou algumas das peças de que já acima fallei.

Do mais, que sem excepção esteve bom, peço desculpa de nãoa especializar, porque não tomei as necessarias notas.

Mas protesto á todos os amadores e Exm^{as} Sr^{as}, que tomárão parte nos concertos, que agradárão immensamente, tornando-se credores dos fracos, mas sinceros e conscienciosos elogios, que lhes póde tributar a minha humilde pessôa.

* * *

E termino repetindo o meu protesto.

Escrevo sustentando opinião propria, prompto sempre a sacrificial-a vencido e convencido.

Mas peço que attendão a que é só minha a responsabilidade do que escrevo, e que deve-se sempre accrescentar *na minha opinião, para mim, segundo o meu modo de pensar*, ao que, bem ou mal, diz o

Melomano.

Secção historica.

Manifesto do Presidente da Republica Rio-Grandense em nome de seus constituintes.

Desligado o povo rio-grandense da communhão brasileira reassume todos os direitos da primitiva liberdade; uza destes direitos imprescriptiveis, constituindo-se Republica independente; toma na extensa escala dos estados soberanos o lugar que lhe compete pela sufficiencia de seus recursos, civilização e naturaes riquezas, que lhe assegurão o exercicio pleno e inteiro de sua independencia, eminente soberania e dominio, sem sujeição ou sacrificio da mais pequena parte d'esta mesma independencia, ou soberania, á outra nação, governo, ou potencia estranha qualquer.

Igual aos estados soberanos seus irmãos, o povo rio-grandense não reconhece outro juiz sobre a terra além do Author da Natureza, nem outras leis além d'aquellas, que constituem o codigo das nações. Observa o estatuido principio da mutua e universal decencia, provando á face de todas as republicas, principes e potentados, aos quaes se dirige, que o acto de sua separação e desmembramento não foi obra da precipitação irreflectida, ou de um caprichozo desacerto, mas uma obrigação indispensavel, um dever rigorozo de consultar a sua honra, felicidade e existencia altamente ameaçadas, de attender por si mesmo á propria e natural defeza, de subtrahir-se a um jugo insupportavel, cruel e ignominiozo, oppondo a rezistencia á injuria, repellindo com a força a violencia.

Só empunha o gladio dos combates para cobrir-se e defender-se de uma odioza aggressão; faz neste momento o que

fizerão tantos outros povos por iguaes motivos, em circumstancias identicas. Assim encontre este povo virtuozo e bravo entre tantos povos illustrados da terra essas generozas sympathias amplamente dispensadas a quantos o precederão neste afanoso compromettimento, essas mesmas sympathias, que, outr'ora á braços com os seus tyrannos da Europa, invocarão o Brazil e seu governo, esse governo hoje a seu turno oppressor, sévo, inexoravel e tyranno a nosso respeito.

O bom senso, o amor da ordem e a moderação rio-grandenses passarão até aqui em proverbio; o Brazil adormentado pelas facções, agitado pelas furias da intriga, convulso até o paroxismo por aspirações exaltadas e pelo choque impetuozo de interesses mal combinados, invejoso, ou admirado, nos apontava com o dedo Eramos o typo da ordem, que altamente se preconizava, sem que se resolvessem á entrar nella. As lições de caza, o exemplo dos de fóra, todo o Novo Mundo ou quazi todo coberto de sangue e de cadaveres, e devorando os proprios filhos . . . nada foi capaz de seduzir-nos, ou arrastar-nos pelo exemplo! Dir-se-ia que só o povo rio-grandense, firme nos principios de prudencia, de moderação e de justiça, que havia consagrado, permanecia illezo e intacto sobre as ruinas do Americano Continente. Provocações revoltantes, perseguição insupportavel, e ainda mais, intoleraveis denegações de justiça precipitarão este bom povo no pavorozo amphitheatro, onde hoje luta e se despedaça, assoberbado pelo mais execravel abuzo da força, pela mais horrorosa prepotencia.

A narração franca e sincera d'estas vexações e oppressões sem limites levará á consciencia de todo o homem imparcial e honesto a convicção intima da razão e da justiça, que recommendão, ou escudão a nossa cauza.

O governo de S. M. o Imperador do Brazil tem consentido que se avilte o pavilhão brasileiro, por uma covardia reprehensivel, pela má escolha de seus diplomatas, e pela politica falsaria e indecorosa de que uza para com as nações estrangeiras.

Tem feito tratados com potencias estrangeiras, contrarios aos interesses e dignidade da nação.

Faz pesar sobre o povo gravozos impostos e não zela os dinheiros publicos.

Tem contrahido dividas taes e por tal maneira que ameação a ruina da nação.

Tem permittido contrabandos vergonhosos e extremamente prejudiciaes.

Faz leis sem utilidade publica, e deixa de fazer outras de vital interesse para o povo.

Esgota os cofres nacionaes com despezas superfluas, e não cura do melhoramento material do paiz.

Não aproveita, nem ao menos sabe conservar as riquezas naturaes do solo brasileiro.

Não administra as provincias imparcialmente.

Permitte a mais escandalosa impunidade em seus agentes, desprezando as queixas, que contra elles se dirigem.

Permitte um trafego vergonhoso no pagamento da divida publica, na destribuição dos cargos publicos, na administração da justiça e finalmente em todos os actos da publica administração.

Tem posto em pratica uma politica feroz e covarde com respeito a estrangeiros e nacionaes, que chama rebeldes.

Tem desprezado, e mesmo punido como á crimes, as mais justas e attendiveis representações do povo.

Tem invalidado mandados de *habeas corpus* legaes.

Tem conservado cidadãos longo tempo presos, sem processo de que constem seus crimes.

Vilipendiou o espirito nacional ligando-se á uma facção estrangeira e adversa ao Brazil.

Sem o indispensavel consentimento do corpo legislativo tem armado estrangeiros para escorar suas arbitrariedades.

Estes males, além de outros muitos, nós os temos supportado em commum com as outras provincias da União Brasileira; amargamente os deploravamos em silencio, sem com tudo sentirmos abalada a nossa constancia, o nosso espirito de moderação e de ordem. Para que lançassemos mão das armas foi preciso a concorrência de outras cauzas, outros males. que nos dizem respeito particularmente á nós, e que nos trouxerão a intima convicção da impossibilidade de avançarmos na carreira da civilização e prosperidade, sujeitos á um governo, que ha formado o projecto iniquo de nos submeter á mais abjecta escravidão, ao despotismo mais abominavel.

Ha muito desenvolvia o governo imperial uma parcialidade immérita, um desprezo insolente e revoltante respeito á nossa provincia. O sangue, que derramamos na guerra com as Republicas Platinas, o sacrificio das vidas de nossos irmãos,

a destruição de nossos campos, a ruina das nossas fortunas, as prodigiosas sommas que nos extorquio. á nós, os mais sobrecarregados e quotizados durante aquellas lutas desastrosas, não nos valerão a menor deferencia da parte d'aquelle governo injusto e tyrannico.

Eramos o braço direito e tambem a parte mais vulneravel do imperio. Aggressor, ou aggredido, o governo nos fazia sempre marchar á frente: disparavamos o primeiro tiro de canhão e eramos os ultimos a recebê-lo. Longe do perigo dormião em profunda paz as mais provincias, enquanto nossas mulheres, nossos filhos e nossos bens, preza do inimigo, ou nos erão arrebatados, ou mortos, e muitas vezes trucidados cruelmente. Sobre povo algum da terra carregou mais duro e mais pezado o tempestuozo aboletamento: transformou-se o Rio Grande n'uma estalagem do Imperio.

Exhibião certamente as provincias a quota respectiva, onde incluíamos a nossa para as despezas da guerra; mas o arbitrio nos tirava com violencia, em gado vaccum e cavallar e em exigencias de todo o genero, mil vezes mais do que cumpria quotizarmo-nos proporcionalmente.

Reduzida a oito mil homens a força de primeira linha do exercito só ao Rio Grande coube sustentar cinco corpos d'essa força, além de um corpo de guardas policiaes.

Não nos pagou o governo imperial o que nos tirou a titulo de compra, ou de emprestimo, e muito menos ressarcio as nossas perdas occasionadas por um estado de couzas, de que só elle era culpado.

Uma administração sabia e paternal nos teria indemnizado de sacrificios taes e de tão pezados cargos pela abolição de alguns impostos e direitos; o governo imperial, pelo contrario, esmagou a nossa principal industria, vexando-a ainda mais.

A carne, o couro, o sebo, a graixa, além de pagarem nas alfandegas do paiz o duplo do dizimo. de que se propuzerão aliviar-nos, exhibião mais quinze por cento em qualquer dos portos do Imperio. Imprudentes legisladores nos puzerão desde esse momento na linha dos povos estrangeiros, desnacionalizarão nossa provincia, e de facto a separarão da communhão brasileira.

Pagavamos todavia oitenta réis do dizimo dos couros, mais vinte por cento sobre o preço corrente, nós que já iamos vencidos na venda d'estes generos, pela concorrencia dos nossos vizinhos nos mercados geraes.

Repetidas representações de nossa parte sobre este assumpto forão constantemente desprezadas pelo governo imperial.

Tirou-nos o dizimo do gado mular e cavallar e o substituiu pelos direitos de introdução ás outras provincias. Nós os pagavamos oneroso em Santa Victoria, escandaloso no Rio Negro, insupportavel em Sorocába, pontos preciosos do transito dos nossos tropeiros aos mercados de S. Paulo, de Minas e da côrte.

Era o Rio Grande uma provincia de primeira ordem, se se tratava de concorrer para as despezas geraes; entrava quasi na ultima, quanto á sua representação no congresso geral. Tinhamos rendimentos bastantes para sustentar um tribunal de segunda e ultima instancia, um tribunal, que nos era garantido pela constituição do estado, e entretanto nos era preciso procurar na côrte os recursos judiçarios naquella instancia, com enormes sacrificios. Em vão representamos para que se augmentasse o numero dos nossos deputados á Assembléa Geral, e se creasse uma Relação em nossa provincia.

Em um só anno sacou sobre o nosso Thezouro a espartoza somma de oito centos contos de réis; forão quasi equivalentes a esta quantia os subsequentes e successivos saques, que para o diante contra nós se fizêrão. Baldadas forão as vehementes representações da Junta da Fazenda Provincial, expondo a penuria em que a guerra deixára o nosso Thezouro, e pedindo a cessação d'este esbulho revoltante e indecente.

Montava á vinte e quatro contos de reis o supprimento annual, que faziamos á provincia de Santa Catharina, além de outros avultados saques a favor d'essa provincia. O Thezouro da provincia de São Paulo nos devia uma somma avultada, o governo imperial a dêo por satisfeita, não obstante haver já concedido áquella provincia os direitos dos nossos animaes introduzidos para a mesma provincia.

A' quem poderemos persuadil-o? . . . O Rio Grande, que amplamente suppria e sustentava outras provincias; que satisfazia prompto e generoso as repetidas e immoderadas requizições de seu governo; que amontoava annualmente em seus cofres as copiozas sommas de seus fabulosos rendimentos. . . o Rio Grande, cheio de ouro e de recursos, só pôdia dispôr, em virtude de uma lei assassina, da mesquinha quantia de 111:350\$000 réis, para fazer frente ás numerozas precizões e despezas provinciaes!! . . .

Alimentavamos os outros na abundancia, e pereciamos de miseria!... sustentavamos os faustos, as extravagancias de ministros delapidadores, e não podiamos satisfazer as mais urgentes exigencias da sociedade, em que viviamos!... e para cúmulo de affrontas recebiamos de mãos estranhas, e como por esmóla, a miseravel quantia, que de nossos proprios cofres nos concedião.

Precizo fôra havermos renunciado á todo o sentimento de honra, de decóro.e natural dignidade; termos descido finalmente á ultima escála d'uma raça humilhada e embrutecida, para soffrer tantas injurias sem as haver repellido.

Contemporizavamos apezar disto. Mas entrava no plano de nossos impios tyrannos levar-nos á desesperação por meio da intriga; exigia-se o aniquilamento de nossa patria.

As riquezas naturaes da nossa provincia, seus immensos recursos, sua fortissima configuração topographica, o character altivo e marcial de seus habitantes, não estavão certamente em harmonia com os temerosos sustos de sua possivel separação, com os fracos meios repressivos de que podia servir-se o governo imperial para retel-a na sujeição e na obediencia. Tremeo de que podesse escapar-lhe esta avultada preza; resolveo, pois, aniquilar-nos! Excesso de covardia e maldade! Na applicação de uma politica leal e benéfica teria aquelle governo facilmente encontrado o segredo infallivel de dispôr da nossa vontade, como sempre o fizera do nosso dinheiro; preferio infelizmente tornar contra si aquellas vantagens, de que tanto proveito havia tirado, e podia continuar a tirar, se soubesse ser justo e magnanimo.

Porêmos de parte os dramas urdidos, as intrigas projectadas pela reunião dos absolutistas restauradores, formando um corpo ilhado e estranho á todas as associações philantropicas do paiz, debaixo do titulo distinctivo de *Sociedade Militar*, que os nossos tyrannos favorecião, fingindo desapprovar, mas que soubemos compellir ao silencio em Porto Alegre, tendo o prazer de vermos os nossos irmãos fluminenses fazerem outro tanto no Rio de Janeiro.

As dissensões domesticas de um estado vizinho não se passárão sem que o governo imperial tentasse d'isso tirar partido para chegar á seus fins.

Protege a opposição armada no Estado Oriental; envolve á nossa provincia nessa querella desgraçada; compromette a paz e magestade do Imperio, e conclue perseguindo aleive e

indignamente os dissidentes montevidéanos, depois de os haver protegido. Assim pensava distrahir a attenção publica de seus continuados desvarios administrativos: assim pensava elle dar uma direcção estranha ás nossas dissensões intestinas.

Não párao aqui os absurdos d'aquelle governo. Oppôz aos patriotas indignados de seus errores, aquelles mesmos portuguezes ingratos, que tanto hostilizavão o Brazil; espoçou abertamente a cauza dos absolutistas, que recorrerão ao regresso, depois de haverem desesperado da restauração do seu principe.

O general commandante das armas em nossa provincia foi posto em consequencia á testa dos sectarios do regresso, e tinha ao mesmo tempo a seu cargo proteger o movimento dos descontentes orientaes e perseguir e desacreditar os patriotas continentistas.

Trez resultados se promettião aquelles, que d'esta tactica se servião: — não deixar respirar o povo oriental, a cuja reunião jámais renunciou sinceramente a côrte do Rio; acabar com as liberdades patrias no Rio Grande; privar-o ultimamente do auxilio, que poderião prestar-lhe as affeições generozas do estado limitrophe.

E' a hospitalidade rio-grandense universalmente conhecida; celebres historiadores a tem preconizado, é um habito inveterado, uma virtude arraigada no coração do povo. O patriota rio-grandense, verdadeiro cosmopolita aqui a offerece franca, larga e generosa ao primeiro infeliz, que se apresenta á sua vista. Elle não podia ser indifferente aos prófugos da Banda Oriental, que lhes pedião um azylo.

Quando a côrte do Rio de Janeiro, assombrada de seus machiavelicos desvarios, perseguia os emigrados de Montevidéo e mandava assassinar-lhes os chefes, ou lhes retirava os recursos que até então lhes havia prestado, os rio-grandenses, patriotas, incapazes de tão insigne vilania, continuarão-lhes a beneficencia do hospicio uma vez dado . . . e este acto de humanidade e de virtude lhes foi imputado como um crime; e não duvidou perseguil-os o governo imperial, crendo assim justificar-se com o estado limitrophe de suas assaz manifestas e reconhecidas perfidias.

Tal era a nossa posição em 1834, quando o primeiro magistrado da provincia, o delegado do governo se unio ao general das armas para escravizar-nos descarregando o ultimo golpe sobre as nossas liberdades patrias.

Foi então que vimos a perseguição, o arbitrio e o terrível espirito de vingança reduzidos á systema: a imbecilidade e o despotismo querendo arrogar-se as honras do saber e da legitimidade.

Crescida multidão de empregados civis e militares são apeados de suas commissões e empregos. e immediatamente substituidos por homens notoriamente conhecidos inimigos do systema constitucional.

Vimos autoridades populares, um inaudito numero de varões próbos e conspicuos envolvidos aleivamente nos laços insidiosos de processos interminaveis.

Vimos as prizões publicas atulhadas de victimas, ali acintemente detidas e maltratadas. Nossos tyrannos excederão-se á si mesmos, multiplicando estas vexações e injustiças na villa do Rio Pardo, uma das povoações mais consideraveis da nossa provincia.

Apezar das instancias da Assembléa provincial, o julgamento d'aquelles individuos foi adrede retardado pelo infesto presidente.

Teve o arrojo este nosso insigne oppressor de erigir-se legislador; assume attribuições soberanas, e dispõe dos dinheiros e fazenda publica, do mesmo modo por que atacava nossa honra, segurança e liberdade.

Concede de seu proprio motu o direito de cidadão á um subdito portuguez e assigna-lhe um emprego publico.

Concede auxilios pecuniarios dos cofres da nação para a construcção de um templo consagrado ao culto de religião estranha, — calcando assim o artigo 5º da constituição, com o fim unico de formar-se um partido em uma nossa colonia composta de estrangeiros.

Distribue sem a necessaria permissão dinheiros publicos pelos empregados da secretaria da presidencia.

Augmenta de quatro por cento os soldos dos guardas policiaes e o jornal dos operarios do nosso Arsenal de Guerra. E d'este modo recruta com os dinheiros de um povo livre, novos proselytos, para que engrossem seu partido, e algum dia consumão a inteira abolição da liberdade em nosso paiz.

Que mais restava ao delegado do governo imperial para a execução do plano, que estava a seu cargo? Um unico pretexto certamente, que, acobertando os praticos desatinos, o habilitasse tambem para outros, que projectava.

Depois de ter, por assim dizer, processado, ou en-

cerrado em estreitos calabouços a quazi toda uma provincia, conclue denunciando-a, toda inteira, e em plena assemblea, de querer separar-se da communhão brazileira, ligando-se aos Orientaes. Assim: processa, prende e castiga; e só depois denuncia o crime supposto de suas victimas sacrificadas. Principiou por onde todos os monstros acabão; fez preceder a pena á calumnia, que a deveria ter provocado. Fez mais, levado de um accesso de delirio, por ventura arrastado pela mão irresistivel do Todo Poderozo, que céga primeiro o malvado, que intenta punir, transfere-se á caça das sessões legislativas, e confessa, por sua propria hõca, que a provincia era innocente, e que só elle se havia torpissimamente enganado.

Aniquilou-se, desacreditou-se, suicidou-se mesmo! Morreo morte politica na opinião de todos os homens sensatos, cobrio-se de eterno opprobrio; mas nem neste extremo abandonou o arrojado projecto de agrilhoar nossa patria: continuou a hostilisa-la.

Cabalou, intrigou a propria legislatura, seduzio alguns, surprehendo a outros, e rezultárão d'estes sacrilegos manejos as leis insensatas e atrozes, que devião accender os brandões da guerra civil, pôr em combustão o paiz todo; extinguir o ultimo vestigio da liberdade e submetter-nos algemados á nossos implacaveis tyrannos.

Tal era a lei da creação de um corpo policial, que devia consumir annualmente a exorbitante quantia de duzentos contos de reis, organizado, disciplinado e commandado *ad libitum* do presidente.

Tal era a outra, que estabeleceo o imposto de dez mil reis sobre legoa quadrada de campo, e creou os direitos sobre os chapeados, as esporas e estribos dos nossos cavalleiros; além de outras muitas impozicões igualmente injustas e impolíticas, mas necessarias para a sustentação dos novos pretorianos, que devião pôr as algemas em nossos pulsos.

Tão desatinadas dispozicões forão logo feridas de reprovação pelo instincto commun; a voz publica as condemnava, e á ellas só attribuia-se toda a extenção do mal, que nos ameaçava de tão perto. A irresistivel força da opinião publica, d'esta rainha do universo, apontou para os nossos oppressores essas armas, que elles prepararão contra nós.

Mas ainda lhes restava um recurso: a imprensa.

Elles a degradação de sua nobre missão, transformando-a em vehiculo impuro de injuriosos ditos, grosseiras invectivas

e diffamantes improperios. Fallão — e já não ha entre nós um só homem de bem, que não seja sua victima; já não existe reputação illibada, que se não veja cruelmente ferida; fallão, e é nada para elles a honra, o mérito e incorruptivel probidade dos mais ampplissimos varões, dos mais benemeritos cidadãos, que não querem subscrever ao captiveiro e aniquilamento de sua patria.

Cumpria morrer em meio de tantas affrontas e ludibrios; cumpria morrer, ou impôr silencio ao monstro da calumnia, que nos enxovalhava e deprimia; cumpria sepultar-nos debaixo das ruinas do infamado e captivo continente, ou precipitar da cadeira presidencial e para longe de nossos lares o delegado do governo imperial, que se havia collocado á frente dos inimigos da patria, para perseguil-a e avital-a.

Muitos males soffremos, e tudo podiamos supportar; mas não estava em nossa mão subscrever a deshonor, a degradação e ignominia de nossa patria de tão perto ameaçada pela mais aviltante escravidão. Apresentavão-nos o barrete de Gessler, para que diante d'elle nos prostrassemos; sobrepunhão a grave semitarra de Brenno á concha da balança, onde já tantas injurias pezavão insoffridas: fazião-nos o ultimo dos ultrages, e nós o repellimos!

Moveo-se a provincia em massa compacta e magestoza contra os verdugos de sua honra, contra os espoliadores da sua liberdade, vida e fazenda . . . pronunciou o terrivel aná-thema contra nossos oppressores, e o delegado do governo imperial deixou de nos prezidir.

Mas não sahio todavia á barra sem levar comsigo thezouros, clarezas e documentos pertencentes á provincia, e sem tentar armar contra o generoso movimento de Setembro colonos estrangeiros e o chefe de um departamento do estado vizinho, offendendo ainda n'isto a constituição politica do estado, como sempre o fizera d'antes.

O general commandante das armas, que tomara sua defeza, não sustentou a sua criminosa resistencia. Porém um perverso, á quem o deposto presidente por ultimo déra o mando sobre os seus desesperados defensores, pôde, antes de fugir, contra todo o direito das gentes, e com inaudita quebra da honra e da palavra, assassinar alguns dos nossos compatriotas, violando uma solemne suspensão de armas! Foi o primeiro exemplo de sangue de irmãos derramado por irmãos em nossa patria.

Livre a provincia de seus oppressores, goza satisfeita e em paz os salutaes beneficos da legal administração, resarcindo-se dos damnos provenientes dos desvarios da administração decahida. Administrador e legisladores forão todos promptos em fazer uma exacta exposição dos acontecimentos occorridos na provincia, pedindo aquellas providencias porque nossas circumstancias instavão, e protestandò obediencia e adhesão ao governo de S. M Imperial, á quem pedião tambem a punição dos delictos do presidente deposto, em uma accusação formal.

Quando assim tranquillos esperavamos paternaes sollicitudes do governo imperial, que viessem reparar de um todo os damnos e as não merecidas injurias, que acabavamos de soffrer, é esse o mesmo momento, em que o governo, desprezando as nossas justas e bem fundadas representações, entendendo talvez ser o ensejo favoravel para completar o nosso aniquilamento, com grande surpresa de nossa parte, nos declara uma guerra caprichoza, impolitica, immoral e injusta.

Vimos aportar ás nossas praias um novo delegado dàquelle governo, em um brigue de guerra, carregado de munições e armamentos.

Vimos que ao Vice-Presidente e Assembléa Provincial uma só contestação se não dava de seos officios e representações.

Notamos a desuzada incivilidade de não dar o commandante d'aquelle brigue, que devia ser seguido de uma força maritima mais consideravel, a menor satisfação de sua chegada á primeira autoridade da provincia.

Notamos a móra suspeitoza do novo delegado na cidade do Rio Grande.

Vimos o avizo, que lhe dirigio o ministerio, mandando processar o Vice-Consul hamburguez, por haver recommendado aos subditos de sua nação, que não tomassem parte em nossas politicas dissensões.

Vimos finalmente, que os nossos oppressores, longe de dar por justificada a nossa resistencia ao terrivel proconsul, que tanto nos havia hostilizado, tentavão semear a discordia, dividir os animos, illudir-nos. para que, depois de nos enfraquecer, pudessem mais facilmente impôr-nos o pezado jugo da mais infame escravidão.

Queríamos ver esclarecida esta sua odioza politica. Nossos representantes fundados em nossa legislação patria espaço a posse do novo eleito, deferindo a fundada representação,

que para isso lhes dirigio pacifica e competentemente o povo da capital.

Nos é certamente promettida uma amnistia; mas o procedimento ulterior do enviado do governo imperial bem depressa nos fez conhecer, que essa promettida amnistia não era outra couza mais do que uma cilada, um ardil semelhante áquelles de que se servira outr'ora o mesmo governo para assassinar perfidamente os chefes da resistencia nas provincias do Ceará e Paraense.

Sim; o prezidente nomeado não acode ao chamamento de nossos representantes provinciaes para prestar o indispensavel juramento e tomar posse de seu cargo, e illegalmente o toma na camara municipal da cidade do Rio Grande, com offensa de um artigo da constituição politica do estado.

Não véda tão grande escandalo, que nossos legisladores o convidem a ractificar a sua posse perante elles como lhe cumpria; mas o insidioso enviado do governo imperial, depois de prometter que assim procederia, com assombro de todo o homem sensato e inaudita violação das regras do direito universal e patrio, pertinaz na carreira do crime, decreta a dissolução do nosso corpo legislativo provincial, e proclama a guerra contra elle e contra o povo, que o sustentava.

Em defeza de suas leis tão indignamente ultrajadas, em defeza de sua dignidade e de seus direitos tão torpemente vilipendiados, levantão os patriotas rio-grandenses a terrivel luva, que seus oppressores lhes lançavão; e tendo de optar entre a liberdade e os ferros, entre a escravidão e a morte, abração a guerra com todas as suas consequencias e se arrojarão aos combates.

Por ventura, dicerão elles, constrangeremos nossos tyranos a render-nos justiça á força de virtude e de coragem, e mais circumspectos e prudentes na escola da adversidade, que os espera, reconhecerão um dia a insufficiencia dos meios, de que pôdem dispôr para escravizar-nos, e encontrarão no silencio das paixões ferozes, que os agitação, o segredo infallivel de conduzirem-se pelos dictames da justiça, com que nos faltão.

Correrão rios de sangue sobre o agitado continente desde aquella época desgraçada, até que um d'aquelles golpes de fortuna tão pouco calculaveis, quão frequentes vezes repetidos nos campos de batalha, nos trouxérão a convenção da Ilha do Fanfa e a horrenda perfidia, com que os homens, que se dizião legaes, a violárão.

Alguem é aleivamente prezo, remettido aos subterraneos do Rio de Janeiro, e encaminhado d'alli á um remoto desterro, tendo a fortuna de escapar, durante aquelle trajecto á sanha de seus algozes e ao veneno, que deshumanos portuguezes na Bahia lhe havião preparado. Distinctos officiaes militares forão da mesma sorte arrebatados da provincia, e igual fortuna correrão muitos outros cidadãos qualificados, e os proprios deputados ao corpo legislativo, não obstante a sua inviolabilidade pelas opinões emittidas no exercicio de suas funcções reconhecida pela constituição.

Em menoscabo d'aquella convenção são prezos centenares de homens, violentamente arrastados dos seus domicilios á enxovias, que se atulhão com seu numero, e precizão seus algozes precipital-os aos pestiferos e immundos pontões. onde jazem até agora, perecendo de fome e horriavelmente flagellados, os que ainda não levarão a palma do martyrio.

A perseguição, os insultos, o assassinio e o roubo tornão-se virtudes. se se exercem contra os patriotas; enche-se a capital de Porto Alegre com os despojos das suas cazas e herdades até o ultimo utensilio expoliadas. A simples suspeita era logo seguida da vexação e tropellia contra a pessôa indigitada.

Vimos com offensa das leis da humanidade restabelecida a tortura.

Vimos com pasmo e infracção do direito das gentes detido e prezo na cidade do Rio Grande um dos nossos parlamentarios; e rechassado a tiros de fuzil outro que dirigimos ás linhas da capital.

Vimos a lei horrorosa da suspensão das garantias, investindo o delegado do governo imperial, e até o ultimo dos seus agentes do tremendo poder discricionario; e nossos tribunaes convertidos em verdadeiros tribunaes revolucionarios.

Vimos processos monstruosos, falsas denuncias, dilacões systematicas e caprichozas, levando centenares de cidadãos conspicuos aos mais remotos desterrros.

Vimos um governo atroz e deshumano, mas que se jacta de legal e justo, compellir a golpes de espada: ou a ponta de bayoneta o pae, o filho, o irmão, o amigo á baterem-se e trucidarem-se, e armar contra nós quantos malvados, assassinos, salteadores e criminozos retinhão nossas cadeias e priziões provinciaes.

Vimos rotos os liames da sociabilidade, violadas todas as suas leis, enthronizada a violencia, coroado o delicto, e a virtude nos ferros.

Um só recurso nos restava, um unico meio se offercia á nossa salvação, e este recurso e este meio unico erão a nossa independencia politica e o systema republicano; só assim podiamos adquirir a força, a compactibilidade e energia necessarias para debellar nossos algozes em tão lamentavel catastrophe. Cedemos á vóz sancta da natureza; cumprimos as eternas e immutaveis leis do Creator, lançando mão d'esse recurso, d'esse meio unico de salvação.

Perdidas, pois, as esperanças de concluir com o governo de S. M. Imperial uma conciliação fundada nos princípios de justiça universal, os rio-grandenses reunidos ás suas municipalidades solemnemente proclamarão e jurarão a sua independencia politica, debaixo dos auspicios do systema republicano, dispostos todavia a federar-se, quando n'isso se accordem, ás provincias irmãs, que venhão a adoptar o mesmo systema.

Bem penetradas da justiça de sua sancta cauza, confiando primeiro que tudo no favor do Juiz Supremo das Nações, elles jurarão por esse mesmo Juiz Supremo, por sua honra, por tudo que lhes é mais caro não aceitar do governo do Brazil uma paz ignominioza, que possa desmentir a sua soberania e independencia.

PIRATINY, 9 de Agosto de 1838.

Bento Gonçalves da Silva
Presidente.

Domingos José d'Almeida
Ministro e Secretario do Interior.

Chronica.

No intuito de resarcir o tempo vencido pelos obstaculos materiaes, que entravarão em seu começo a publicação da *Revista*, apparece ella hoje, em um só folheto, correspondendo aos numeros 4 e 5, de Julho e Agosto findos, e por isso com mais do dobro do numero das paginas, por que nos obrigamos a dal-a em cada mez.

E' ainda muito difficil em Porto Alegre superar de vez os obices materiaes, que se oppõem ás emprezas d'esta ordem, e que importão sempre pezados sacrificios pecunia-rios para serem removidos.

Estes, porém, estão feitos e aquelles vencidos, e pois temos inteira confiança de que a *Revista Contemporanea do Parthenon Litterario* marchará desassombrada, occupando honrozamente na imprensa o lugar, que aspira, procurando attingir seu nobre e patriotico escôpo.

A correcção e nitidez de sua impressão, a perfeição das lythographias, que tem dado, como a variedade do assumpto e a importancia d'elles, que se patenteão nos diversos escriptos que traz, são a mais evidente prova da solitudine, com que sua gerencia e redacção procurão retribuir o favor e as sympathias com que foi acolhida a *Revista*.

Não nos é talvez licito encarecer a importancia de sua publicação; mas desde que ella encontrou tanto agazalho por parte do publico, devemos suppôr que algum mérito tem, e que é dever imposto á nossa dignidade pela confiança, que em nós se depositou, levar avante a empreza começada.

Para isso, porém, não é bastante só a nossa dedicação, é mister que cada um cumpra seu dever, que se congreguem

todos os esforços — para que não vá o devotamento de uns inutilizar-se contra a indiferença de outros.

O *Parthenon Litterario*, que ha doze annos com o maior desprendimento e abnegação patriotica propúgna pela civilização e progresso da provincia, tem o direito de pedir á seus conterraneos os elementos necessarios á existencia de sua *Revista*. Não bastão só as assignaturas, é preciso que ellas sejam reaes; não bastão as collaborações de nossos jovens talentos, é preciso que ellas tenham mais significação objectiva, mais fundo moral ou scientifico do que belleza de fórma ou amenidade de assumpto.

Como toda a entidade sociologica a *Revista* carece de alimentação sã e substancioza quer para o *corpo*, quer para o *espirito*.

E que acudirão uns e outros em seu auxilio, ficamos nós convencidos.

* * *

A *Revista do Parthenon*, interpretando fielmente os sentimentos do profundo pezar da Provincia do Rio Grande do Sul, presta hoje em seu nome uma homenagem de gratidão aos manes d'aquelle seu illustre e benemerito filho, que a morte acabou de arrebatá-lhe, o senador José de Araujo Ribeiro, Visconde do Rio Grande.

Nos ligeiros traços biographicos e artigos que acompanhão o retrato do preclaro rio-grandense, palpitão os mais importantes acontecimentos politicos que extremecerão a provincia, que lhe era patria. de que foi um dos mais brilhantes protagonistas, e a qual engrandeceo com seu patriotismo, virtudes e illustração.

* * *

Dous preciosos mimos accuza com gratidão ter recebido a redacção da *Revista*: *O Jornal do Agricultor* e *Scenas da roça*.

E' este um poemêto inspirado em boa hora nos costumes nacionaes.

Hoje, que os pessimistas, bem a seu pezar, vão reconhecendo que nós temos uma litteratura, que não a importada, mas original brasileira, o apparecimento do livro do talentozo Sr. A. Corrêa, é uma verdadeira preciozidade, como é um mimo de stylo, poesia e descripção, — ainda que não pertença a nenhuma das *especies* ou *generos* classificados em

um horrorozo livro, que por ali corre nos lyceos, creio que sòb o titulo *Curso de Litteratura Nacional*, com que o Sr. Dr. Conego Fernandes Pinheiro dotou a mocidade brazileira.

As *Scenas da roça* pintão os costumes, as crenças, a ignorancia e a singeleza dos habitos e costumes do povo de fóra das grandes cidades, com toda a sua original belleza, e os encaixilha no quadro esplendido da natureza intertropical.

Agradecendo a obzequioza offerta, felicitamos mui cordialmente ao inspirado poéta nacional.

— O *Jornal do Agricultor* é outra importantissima publicação. Tendendo á um fim utilitario e pratico abórda as grandes questões economicas e scientificas, desenvolvendo-as plenamente, sem encher as bochechas com esses palavrões oucos de sentido, sem trazer o rabicho empoadado do classico, e nem descarregar essa tempestade de tecnologia, com que os *sabios* trovejão sobre os auditorios — fallando ao povo, que, como o morgado do drama de Pinheiro Chagas, sem entendel-os, os applaude — só porque o sermão tem muito latim.

E' uma publicação utilissima o *Jornal do Agricultor* — um verdadeiro guia domestico — um indispensavel á uma dona de caza, e que pela modicidade do preço de sua assignatura está ao alcance da bolça do rico e do pobre, que ambos d'elle carecem.

Retribuiremos a delicadeza da offerta com a remessa da *Revista Contemporanea*.

* * *

Está designado o dia 7 de Setembro para a realização na cidade do Rio Grande de um esplendido sarão litterario commemorativo a essa para sempre memoravel data, e promovido pela illustre directoria da *Bibliotheca Rio-Grandense*.

Convidado para representar-se n'essa solemnidade, o *Parthenon Litterario* nomeou entre seus socios rezidentes n'aquella cidade uma commissão, que ficou composta com os distinctos litteratos Srs. Hilario Ribeiro, Carlos Fontana e Damasceno Vieira, a qual incumbio de testemunhar a sociedade sua co-irmã as sympathias que lhe consagra, e os votos que faz por sua prosperidade.

* * *

A cidade da Uruguayana vai ter tambem uma bella

testa consagrada ás lettras, por occasião da proxima inauguração da *Escola Municipal*.

Germina a semente lançada ao solo uberrimo! e o *Parthenon* deve desvanecer-se de nobre orgulho ao vél-a desenvolver-se.

Vai o municipio da Uruguayana realizar a grandioza idéa do projecto de nosso benemerito consocio o Sr. Appollynario Porto Alegre, que publicamos no extracto das actas das sessões do *Parthenon* de Abril e Maio d'este anno.

Que esse nobre commettimento seja um estimulo ás outras municipalidades da provincia para que o secundem; que se compenetrem os municipios de sua importancia na historia dos povos, de sua missão benéfica, patriotica e grande, e nós seremos em não mui remoto futuro um povo verdadeiramente culto.

* * *

E' ainda da Uruguayana, que nos remettem um novo jornal — *A Democracia*, ahí publicado, — o qual tem em seu titulo o seu programma.

Que não arrefeça ao novo lidador o enthuziasmo patriotico, com que se lança á arena do combate, é o que sinceramente dezejamos.

Servindo-nos do pensamento de um illustre amigo: — para bem de nossa patria quizeramos uma imprensa em cada esquina.

* * *

A' propozito de instrucção publica:

Bernardot, o velho folhetinista do saudozo *Rio-Grandense*, o inoffensivo chronista da *Revista* tem, e mui propozitalmente, derivado — e até fugido a critica objectiva, deixando de apreciar certos factos, para não esfrolar siquer uma susceptibilidade.

Que o digão — se isto não é verdade — o *illustrado* cléro de nossa diocéze, os *não menos illustres conegos* de seu cabido, e os mesmos redactóres do *Volks-Blatt*, ou Jesuitas de S. Leopoldo, dos quaes temos com evangelica *piedade* recebido virulentos ataques

Ha, porém, factos tão insólitos e de tanta gravidade que se não devem, nem podem calar, e em que o chronista deve ser algo mais do que o écho da indignação e do

clamor publico; e é d'esta ordem o inaudito escandalo de que foi theatro a Escola Normal.

Aquelle respeitavel estabelecimento destinado á preparar os preceptores da mocidade, que é frequentado por distinctas jovens pertencentes ás mais qualificadas familias de nossa sociedade, que ali vão formar o coração nos mais nobres e santos preceitos da moral e illustrar o espirito com o estudo da sciencia, — ha muito que declinou do prestigio e respeito de que devia cercar-se. Escandalosissimas scenas ahi se tem dado, e que — a falta de urgente correctivo — subirão de ponto e chegarão a tornar inevitavel o conflicto, que a tingio de sangue!

Que edificante exemplo não foi esse — da troca de palavras injuriozas, a que seguio-se o pugilato, entre individuos tão caracterizados pela altura dos cargos, que ali exercem, e que parecião interpretar ao vivo alguns dos personagens, que tão bem pinta em seus romances Camillo Castello Branco!

Quem tem a infelicidade de estar isto escrevendo já foi ali testemunha de desaforados desatinos, que o puzerão em condições singulares, impedindo-o hoje de ir procurar no passado de um dos contendores a pratica constante de identicos actos, e para elles sempre infelizes

Mas se por propria dignidade não entramos n'essa apreciação, corre-nos o imperiozo dever de erguer d'aqui — e em nome da publica moralidade — uma amarga censura áquelle dos contendores, que — faltando aos mais comezinhos preceitos da educação — e ao decôro devido áquella instituição respeitavel, dêo cauza a esse deploravel desacato, que os inhibe a ambos de ali tornar sem grave offensa a dignidade, sem o desprestigio moral d'aquella nobilissima instituição.

E' o que ora faz, aguardando os acontecimentos que sobrevierem o

Bernardot.

Expediente.

Accuzamos com reconhecimento as delicadas ofertas que nos fizeram:

A Commissão do Muzeo do Parthenon, do seu importante relatorio;

O distincto academico de S. Paulo, Sr. Affonso Celso Junior, do seu mimozo livro de poesias — *Télas Sonantes*.

A Exm^a Sr^a D. Luciana de Abrêo, de seu illustrado *Parecer* sobre a thêse — *Qual, entre os escriptores nacionaes, pôde ser acclamado chefe da litteratura brazileira?*

No proximo numero occupar-nos-hemos com esses importantes trabalhos.

Tendo a *Revista* aberto uma secção exclusivamente consagrada á historia da Provincia, roga a todas as pessoas, que se interessem por esse importante assumpto, e que possuão documentos fidedignos, o obzequio de nol-os remetter para publicarmol-os, colleccionando assim documentos, que, dispersos, em couza alguma aproveitão.

Devendo com o proximo numero terminar o 1^o semestre da 4^a serie da *Revista*, rogamos encarecidamente á nossos favorecedores, especialmente aos de fóra d'esta capital, o obzequio de realizarem o pagamento de suas assignaturas directamente á esta Empresa, ou á seus agentes nas diversas localidades.

Da ponctual exacção dos Srs. assignantes depende a existencia da *Revista* e o exacto cumprimento dos deveres, que para com elles e o publico contrahio a Empresa.
